

[CONTOS E CRÔNICAS]

HISTÓRIAS ESQUECIDAS

Eliege Pepler

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Paraná **B**



Histórias Esquecidas

Eliege Pepler



Copyright © 2024 para A. R. Publisher Editora

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo mecânico, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização, por escrito, da editora. Todos os direitos reservados desta edição 2024 para a editora.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Angela Ramalho

Editora Chefe

Eliane Arruda

Revisão

Carlos Alexandre Venancio

Preparação dos arquivos e capa

Manuela Sanchez

Diagramação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

P422h Pepler, Eliege.
Histórias esquecidas / Eliege Pepler. – 1. ed. – Maringá, PR : A. R. Publisher Editora, 2024.
88 p.; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-5422-085-9 (impresso)
ISBN 978-65-5422-101-6 (e-book)

1. Cotidiano. 2. Vida. 3. Morte. 4. Alheamento. I. Título. II. Assunto. III. Autora.

CDD 869.93
CDU 82-34(81)

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura brasileira: conto.
2. Literatura: conto (Brasil).

PEPLER, Eliege. **Histórias esquecidas**. 1. ed. Maringá, PR: A. R. Publisher Editora, 2024.

HISTÓRIAS ESQUECIDAS

Eliege Pepler

SUMÁRIO

Prefácio.....	9
Entre louças e balanços.....	11
Entremares.....	23
Amor juvenil.....	35
Amor de filho.....	39
Amor fantasma.....	45
Entre amigas.....	49
Amor proibido.....	53
Amor com data de validade.....	55
Amor virtual	59
A dor e o amor	61
Eternos amantes	65
Funerais.....	71
Amor de mãe.....	77
Amor ao próximo.....	83

*Só é feliz quem perdeu toda a esperança;
porque a esperança é a maior tortura que há,
e o desespero, a maior felicidade.*
MAHABHARATA

*In memoriam dos personagens que inventei
para que o amor fosse possível.*

PREFÁCIO

A casinha verde está logo ali na frente. Como não me dei conta? Faltava o rio.... Chove há horas. Forma-se o rio que me liga ao sonho de outrora. Sei que, de algum modo, estou deitada na rede que confere movimento à varanda. As crianças brincam na chuva e atravessam as águas pulando as pedras por mim imaginadas. Flanam no espaço de tempo. Respiram. Sorriem. É carnaval e tudo está do avesso. Fico de cabeça para baixo na intenção de enxergar o revés do mundo. O rio avança. A correnteza é forte.

Árvores dançam e acompanham a música que embala o sono dos vizinhos. Estão todos de olhos vendados. Ruminam sem aprender um novo jeito de olhar ao redor. Enxergam tão somente a destruição de viver à beira do rio que sobe; do rio que segue seu curso e invade a porta que nem deveria existir.

Amanhã, como sonâmbulos, secarão o chão e continuarão a benzer-se, a amaldiçoar o próprio destino e a proferir asneiras. Vidas repletas de material insosso. De histórias repetidas. De ideias antigas sobre as mesmas horas dos anos passados.

Por que não se levantam agora? Por que não se banham na chuva? – Há muito raio lá fora! – dizem.

Tolices. Se não abrem os olhos, como podem saber as formas das luzes que tocam o chão?

Ok... respirem; ronronem; relaxem...

Fico com a casa verde aberta para receber aqueles que cruzarem o rio que me enreda.

E.P.

ENTRE LOUÇAS E BALANÇOS

T. S. s., 52 anos

Traumatismo craniano

Mecânico

01 de abril

**Caixão fechado e sem
cerimônia**

Revejo agora o vai e vem do balanço movimentando o corpo machucado de Mel. Já faz alguns anos que o impulso dado pelas pernas dela fazia o balanço viajar em arco, anunciando o voo, a fuga. Enquanto ela se entregava ao balançar, seus cabelos longos, acompanhando o ritmo do corpo, tentavam desanuviar os pensamentos que insistiam em perturbá-la.

Procurei um lugar mais próximo das balanças. Seu olhar me afastou, mas ainda deu tempo de (pre)ver a lágrima que parecia ter vontade própria ao escorrer pelo rosto de minha amiga. Ela nada poderia fazer para controlar seus gritos internos. Dessa distância que ela me impôs, não consigo calcular aquela dor. Acho que ainda ninguém inventou a fórmula para esse difícil cálculo, se bem que uma empatia ao quadrado (E^2) seja certamente um dos componentes dessa equação. Dia desses, li que se conseguimos nomear algo temos condições de compreender seu funcionamento. Gostaria de encontrar um nome para a dor que Mel sentia naquele momento.

A cada novo quase voo, Mel recordava aquelas mãos fortes de dedos grossos e sujos. Persegui-a a lembrança do prelude das unhas a invadir os recantos de seu corpo que agora estava entregue ao vento. Tudo era anúncio da necessidade dela de esquecimento. Era preciso pensar em uma saída. Alguma memória alegre traria alívio imediato? Vasculhou o território árido dos momentos em que o riso era possível... pensou nas brincadeiras com as amigas, nas piscinas de lama, nas camas

improvisadas de ipê roxo, mas foi a imagem do mar que lhe trouxe quietude por alguns instantes. Mel lembrava-se da espuma do banho da sereia que ia e vinha com as ondas tocar a areia fria. A sensação da água circundando todo seu corpo, os cabelos a se alongar, fazendo-a sentir-se linda.

As ondas e o balanço amansam a dor. Não há como extinguí-la, mas atenua-se seu efeito, iludindo a respeito do fim. Mas Mel não poderia saltar agora. O balanço está no mais alto ponto a que se pode chegar sozinha. A partir dali só há o retorno, a inércia e a dor de encarar a vida que se leva.

Suada e repleta de náusea da aterrissagem, Mel corre para o apartamento e começa a dar conta da pilha de louças que, para variar, ela deixa por último porque é sua mais detestável tarefa do dia. Já são quase seis horas da tarde e ela sabe que restam-lhe apenas cinquenta minutos para lavar, secar e guardar todo aquele entulho que amanhã estará novamente à sua espera na pia.

Para se angustiar menos, Mel desenvolveu uma técnica de lavar louças que começa pelos talheres: com a esponja repleta de sabão, ela acaricia primeiro os garfos, tira-lhes a gordura, as possíveis manchas e, em seguida, coloca-os no canto seco. Em seguida, é a vez das facas. Toma cuidado para pegá-las pelo cabo, pois sabia da sua capacidade de cortar-se durante a enfadonha tarefa. Deixava as colheres, escumadeiras, conchas e facas maiores por último, simplesmente porque estavam em menor número e iludia-se que terminaria mais rápido. Depois dos talheres, era a vez dos pratos, ensaboados um a um, frente e verso, deosolivre se a mãe pegasse um restinho de gordura qualquer... ainda que fosse pequena demais para esquentar água no fogão, por vezes o fazia para que o trabalho de tirar a gordura fosse mais simples. Os copos eram as louças mais perigosas! Sensíveis, quebram-se a qualquer deslize das pequenas mãos de Mel. Enxaguava tudo na mesma ordem e, planejando e arquitetando cada espaço, colocava com cuidado cada item no escorredor de plástico branco que sempre tinha

que lavar depois que tudo estivesse terminado. Potes, panelas e outros utensílios maiores ficavam para o final, equilibrando-se em cima de tudo, até começarem a ser enxugados com um dos panos de louça bordados que a mãe colecionava.

O calvário só teria fim poucos minutos antes da chegada de Vica que carrega consigo o ar enfezado de sempre. Naquele dia, a mãe reclamou do pano de prato muito molhado e esquecido em cima da pia. A menina explicou que deixou ali para abrir a porta, mas os resmungos ainda eram escutados quando a mulher se dirigiu à lavanderia lavar seu precioso pano de secar louças.

Mel, certa vez, me confidenciou que nunca escutou uma palavra de carinho da mãe. Muito menos um “muito obrigada” pela dedicação cotidiana da filha que além da louça, era responsável pela limpeza de todos os cômodos do apartamento, inclusive aquele quarto nojento em que o irmão mais velho já experimentava os prazeres que o corpo masculino sente sem culpa.

Às vezes, Mel se revolta com o modo desigual com que a mãe tratava os dois filhos. Com o irmão havia sempre permissividade e atenção, enquanto que para ela restavam as ordens, as broncas e as surras. Quando quis reclamar algum direito que julgava ter naquela casa, os golpes fizeram-na aprender a camuflar o ódio (re)sentido e a lembrar-se sempre das palavras da mãe: “Isso é para você aprender que mulher trabalha sempre em silêncio”.

Não havia conversa entre os três. A comunicação entre eles era povoada apenas pelos risos de escárnio do irmão, os grunhidos e suspiros da mãe e o pensamento barulhento de Mel que, vez ou outra, provocavam um “ai” em voz alta.

A intimidade de Vica com o cansaço era visível e ela nunca fez questão de escondê-lo de ninguém. Trabalhava o dia inteiro, seis dias por semana e, no domingo, faxinava a própria casa reclamando da porquice da filha que, no seu ponto de vista, não sabia fazer nada direito. Ela trabalhava em três casas

diferentes, cada patroa tinha sua excentricidade e suas intermináveis exigências. Vez ou outra, quando não havia aula, Vica levava Mel consigo para ajudar na faxina. Não era raro as patroas elogiarem o fato de uma menina tão nova saber lavar louças tão bem. O elogio era sempre emendado pela mãe que aludia ao fato do capricho ser uma qualidade herdada de família, pois vinha passando por todas as mulheres que a antecederam e ela transmitiu para a filha.

Do pai de Mel quase nenhuma informação se sabe, nem tampouco de seu paradeiro se tem notícia. Mas parece que ainda não morreu, pelo menos fisicamente, pois Vica já o enterrara há anos. Certa vez, Mel achou uma fotografia antiga em preto e branco, na qual sua mãe rejuvenescida caminha ao lado de um homem alto, barbudo, cujos músculos do braço aparecem envolvendo uma criança. A foto fez a imaginação de Mel colorir a história e a encorajou a perguntar à Vica se aquele era o seu pai. Assistiu a uma das crises histéricas da mãe, viu a imagem do passado ser picotada e sua dúvida eternizada.

Há anos Vica mantém as despesas da casa sozinha e agora que o filho vai terminar o Ensino Médio já ousava desejar alguma ajuda. O apartamento da COHAB em que moravam foi comprado com subsídio do governo, no programa Minha Casa, Minha Vida, financiado em prestações que demorariam três gerações para ser quitadas. Apesar da perspectiva de trabalho informal, sem carteira assinada, a mulher contava com a saúde para continuar trabalhando para pagar a sua casa própria, motivo de orgulho em meio a tantas vizinhas que pagavam aluguel. Para ela essa era a única garantia que ela teria quando envelhecesse e não pudesse mais faxinar a casa de ninguém. O valor da prestação era baixo, mas comprometia boa parte da renda familiar, por isso era urgente que Eduardinho começasse a trabalhar.

Uma vez por mês, Vica fazia compras no mercado e levava Mel para ajudá-la. Antes de sair de casa, as recomendações eram inúmeras: não pegar nada sem o consentimento da mãe,

ajudar a organizar o carrinho de acordo com a categoria de cada produto, riscar os itens da lista que já estavam comprados. Às vezes, Vica permitia que a menina colocasse no carrinho algo que considerava supérfluo e a avisava que aquilo seria passado por último se o dinheiro fosse suficiente. Elas se iludiam com a possibilidade de levar alguns biscoitos ou chocolates... sempre deixados para trás e prometidos para uma futura compra que jamais se concretizava.

Às vezes surgiam umas faxinas extras e foi numa delas que Mel, acompanhando a mãe, conheceu o mar. Foi apenas um dia que passaram na praia e boa parte dele ficaram enfiadas na casa de veraneio da família mais rica para quem Vica trabalhava. A patroa levou mãe e filha de carro, o que por si só já era uma grande novidade. Mel observava a mata densa e ficava imaginando a vida dos trabalhadores que construíram aquela estrada em meio à selva. Distraiu-se com o tamanho das montanhas e imaginou subir ao cume de uma delas, só para ver de outro ângulo tudo que existe na Terra. Quando passaram por um vilarejo, viu crianças brincando num rio limpo e imaginou que seria bom viver ali. As casas eram simples, de madeira e quase nenhuma era pintada, mas o espaço em torno prometia aventuras, corridas e mergulhos.

Depois de quase duas horas no carro, chegaram à casa que era bonita, de alvenaria, pintada de verde claro. Havia um jardim ao lado da garagem que não estava muito bem cuidado. As flores murchas e muita areia no entorno davam noção do que mãe e filha enfrentariam. A mulher explicou que ninguém veio à casa durante o inverno e que agora, com a proximidade da temporada e das férias, estavam todos se animando para descer. Por isso, era preciso deixar tudo limpo. O dia de trabalho extenuante foi recompensado com uma diária extra para Vica e uma visita à praia no entardecer.

Quase posso ver a euforia dos olhos de Mel ao olhar o mar pela primeira vez. No bairro em que moravam o único espaço de lazer com água eram as poças que se formavam no

campinho de futebol quando chovia muito. Daquele encontro com o mar e dos sorrisos encabulados de mãe e filha Mel jamais conseguiu esquecer. A viagem de volta foi feita em silêncio, que hora ou outra era quebrado com algumas perguntas da patroa sempre respondidas monossilabicamente pela mãe. A menina estava absorta em pensamentos e sonhos de um dia voltar e ficar mais tempo olhando as ondas tocar a areia.

Foi na areia do parquinho do conjunto habitacional Santa Cândida que Mel viu seu corpo tornar-se passaporte para as desventuras. O seu antes espaço de encontro marcado com a infância tornou-se solo possível de pouso e fuga. Se antes ela e suas amigas vizinhas e tão parecidas em suas sinas ali inventavam mundos de sonhos e presenças, mais tarde seria aquele mesmo lugar palco em que Mel encenaria sua despedida da infância.

Ela sempre gostou de passar suas poucas horas de folga entre um brinquedo e outro. O gira-gira a provocar desejos de vômito, o trepa-trepa a levá-la mais perto do céu, o escorregador e a sensação de frio barriga e, é claro, o mais disputado de todos... o balanço. Mel sentia uma forte atração pelo movimento no ar, pelo perder-se no espaço sem apoio do chão. E disputava com as amigas quem conseguia balançar-se mais forte e chegar ao ponto mais alto.

Camila, a melhor amiga de Mel e de quem eu nutria uma inveja implacável, era a que mais conseguia competir de igual para igual com Mel. Nas nossas brincadeiras de pular corda, Camila sempre ficava mais tempo saltitando, mesmo quando ordenávamos o “foguinho” no intuito de, com a velocidade, derrubá-la. Era sempre tola a nossa rivalidade. Todas as nossas disputas, inclusive a de quem era a melhor amiga de quem. Lembro de me alegrar muito quando a mãe de Camila brigou com a Vica, proibindo a amizade das duas meninas. É verdade que elas desobedeciam às ordens de afastamento, encontrando-se vez ou outra no parquinho, mas aquela briga de adultos permitiu que eu me aproximasse mais de Mel e pudesse conhe-

cê-la melhor.

Foi nessa época que comecei a frequentar a casa da minha amiga. Na minha família nunca fui obrigada a limpar o apartamento, a prioridade sempre foram os estudos. Minha mãe sempre apoiou essa vontade de aprender, comprando livros, enciclopédias e cobrando as lições de casa. Mas não era raro eu dar uma força na limpeza e minha atividade favorita era passar cera no chão e lustrar. Adorava ver o brilho dos tacos de madeira que depois seriam pisoteados e ficariam novamente propícios para serem acariciados pela nova camada de cera. Era um ciclo sem fim e, na verdade, uma atividade pouco valorizada, mas minha mãe era quem mais me apoiava para ver se eu tomava gosto por cuidar da casa.

Eu certamente não me tornei uma grande adoradora dos serviços domésticos, mas lembro de ajudar Mel a terminar suas obrigações para que tivéssemos mais tempo para brincar. Eu tinha uma brincadeira favorita que podia acontecer em qualquer lugar e a qualquer hora: inventar histórias. Mel se irritava um pouco comigo, pois ela dizia que eu trazia detalhes irrelevantes e me demorava demais. Tento ser mais concisa agora... espero conseguir... mas o que me chamava a atenção era como a minha amiga vinha se tornando triste e fria. Dizia ela que era preciso ser realista. Mas o que significa ser realista aos 10 anos de idade?

Ela preferia recontar as histórias que ouvia nos corredores do conjunto, assim, suas narrativas giravam em torno das brigas de casal do apartamento 10 do bloco C, ou dos escândalos das irmãs do apartamento 13 do bloco B, ou ainda do fato de seu irmão estar andando com a galera da pesada que puxa fumo no campinho à noite. Eu já preferia imaginar uma vida distante dali, gostava de pegar o mapa e, de olhos fechados, escolher um lugar para viver uma aventura. Imaginava tempos e espaços diferentes dos meus, vidas possíveis e interessantes desfilavam no meu imaginário e eu contava a ela outras possibilidades de viver. Ela zombava de mim, chamando-me de

“sonhadora”... ora... eu sonhava mesmo, sonhava com castelos e príncipes que resgatavam princesas em perigo. A vida real só me chamou a atenção quando eu conheci Toninho, o tio de minha amiga.

Foi naquele ano em que o irmão de Vica veio morar em Curitiba. A vida no interior estava difícil e a capital abria a possibilidade de ele abrir sua oficina e investir no seu próprio negócio. Alugou uma casa perto do conjunto habitacional em que morava a irmã e sempre que podia, filava uma refeição ou outra no apartamento da família. As louças aumentavam e o interesse pela menina também. A oficina já começava a receber os primeiros carros e Toninho os consertava imaginando a hora de sair dali e ver a sobrinha.

Naquele tempo, o irmão mais velho de Mel arrumara um estágio no banco e ficava o dia inteiro fora. Vica pediu o grande favor a Toninho para que ficasse de olho em Mel durante a tarde, pois a menina ficava sozinha e ela tinha medo das más companhias. Os boatos em torno do filho e o consumo que ele fazia de maconha já perturbavam a mulher que mal tinha tempo de verificar se eram falsas ou verdadeiras as informações. Preferia acreditar que eram maledicências daquela gentinha que não tinha mais nada para fazer da vida. “Bando de velha fofoqueira! – bradava – Vão lavar uma louça!”. Mas o fato é que tinha medo que denunciassem que a menina ficava sozinha a tarde toda. Então, viu no irmão o apoio que nunca pode ter de ninguém.

Toninho assumiu a tarefa sem pestanejar. Deixava a oficina construída de forma improvisada nos fundos da casa alugada e aparecia de três a quatro vezes por tarde no apartamento que Mel continuava a limpar. Ele tinha as chaves e por isso entrava e saía a hora que desejava. No começo, Mel reclamou da intrusão. Reclamou do acúmulo de tarefas. Reclamou de ter de fazer café e sala para aquele homem que fedia a óleo queimado. A mãe disse que ela deveria agradecer de ter um tio tão amoroso e dedicado. Que ele deixava as atividades dele de

lado para cuidar da sobrinha reclamona. E a rotina não mudou. Só o que mudou foi o comportamento de minha amiga.

Assim que chegávamos da escola, eu oferecia ajuda, mas ela passou a não aceitar e me dava desculpas esfarrapadas, prometendo me encontrar mais tarde no parquinho. Muitos dias ela não aparecia e quando conseguia vir era sempre acompanhada do tio e não brincava como antes. O olhar se perdia no horizonte e a seriedade dos traços acusava que algo não estava bem. Eu perguntei o porquê, mas ela dizia que era coisa da minha imaginação. Que estava tudo bem.

Foi quando ela começou a ser cruel comigo. Tirava sarro da minha roupa, falando que eu nem me vestia como menina. Zoava da minha cara lavada, reparava que nem batom eu costumava usar. Aquele ano havia passado e ela já menstruava e eu continuava a menina sonhadora de sempre. Ela não gargalhava mais da minha forma sonhadora de ver a vida, o tom agora era acusatório. Ela odiava meu modo de inventar a vida. A frase repetida diversas vezes me feria e ainda fere “você não enxerga um palmo na frente do seu nariz”. Mas como eu poderia enxergar? Como eu poderia prever? O tio era sempre tão atencioso com ela... parecia tão gentil quando sorria para a gente no parquinho. Como saber que os acontecimentos daquele dia seriam a gota d’água para ela?

Retardo minhas lembranças daquela tarde porque ainda doem demais. Ainda ouço o estridente som do sinal da escola que nos libertou para a rua e aprisionou minha amiga ao corpo inútil. Eu tentava animá-la e dizia que naquele final de ano minha mãe me levaria para a praia. Eu já estava cogitando a possibilidade de Mel nos acompanhar. Sair um pouco daquele conjunto faria bem a ela. A mãe dela era o maior obstáculo, porque a minha gostaria da ideia de uma companhia para minhas brincadeiras de verão. Quando eu disse a Mel que construiríamos o maior castelo de areia do mundo ela me cortou com a imagem da onda a desmoroar o trabalho infantil.

Mesmo com a grosseria dela, decidi que aquele dia iria

ajudá-la a limpar a casa. Eu insisti. Conteí a ela meu plano de terminar tudo antes da chegada do tio dela. (Não confessei que queria roubar minha amiga alguns minutos só para mim). Falei para ela que queria um tempo de brincadeiras longe do olhar do vigia. Ela sorriu com canto de lábio e então concordou.

Quando estávamos terminando a louça, Toninho entrou pela porta. Uma hora antes do habitual. Eu já previa o final da história: Mel me tocara dali e eu iria sozinha ao parquinho inventar sonhos. Mas naquela tarde Toninho não permitiu que eu fosse embora. Ordenou à sobrinha que preparasse o café enquanto me levava para o quarto com a desculpa de me mostrar como a sobrinha não sabia fazer nada direito.

Ele bateu a porta atrás de mim e me deitou na cama. Com aquelas garras sujas de graxa apalpou minhas coxas. E quando suas mãos avançavam ao som de "A formiguinha vai subindo, vai subindo..." Mel entrou no quarto e bateu com força a panela de ferro na cabeça dele. Ela mandou que eu corresse e eu saí desnorteada em direção ao parquinho, sem olhar para trás. Eu tive medo. Será que ele a espancaria? Será que a Vica nos culparia? Será que eu não devia voltar? Avisar as vizinhas? Ainda sem saber como agir, vi minha amiga saindo do apartamento e andando devagar em direção ao parquinho. Sentou-se no balanço. Havia em seu olhar uma paz que há tempos eu não vislumbrava. Ela tomou o primeiro impulso. Vergou o corpo com força para trás e para frente, as pernas se estenderam e arrastaram o ar, as mãos seguravam firmes as hastes do balanço, o corpo foi ganhando altura no brinquedo, a série se repetia e procurei seu olhar que parecia perdido em alguma distância inalcançável para mim que permanecia ali em pé, inerte, com os olhos vidrados nela, acompanhando o vai e vem do balanço que parecia que cederia ao desejo dela de voo. Ela se soltou do brinquedo e mergulhou de ponta na areia que jamais recebeu ondas e espumas do banho de sereia. Gritei e corri ao encontro do corpo inerte. Foi tudo tão rápido. Eu tentava acordá-la com batidas leves em seu rosto, mas ela não reagia, parecia morta.

Pedi socorro à vizinha que chamou o SIATE. A mãe foi avisada e largou imediatamente a faxina, voando para o Hospital Cajuru, que atendia os pacientes do SUS. Foram 20 dias em coma. As notícias do estado de saúde eram repassadas a conta gotas.

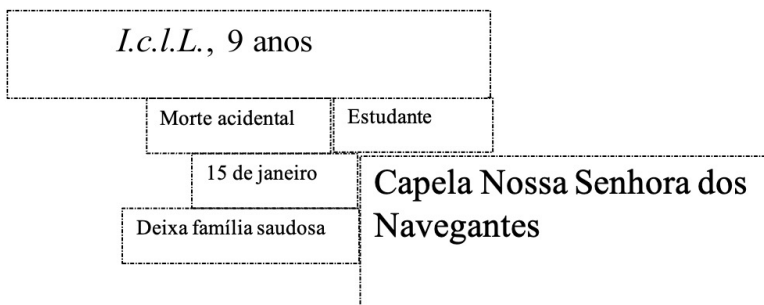
Eu queria saber mais, eu precisava saber se ela estava viva. Garantiam que sim, mas senti a morte nela. Seria a morte já experienciada em vida? Depois do coma, a paralisia. Mel estava tetraplégica. Não haveria mais louças para lavar, nem sensibilidade no corpo a rejeitar. Estava tudo suspenso até segunda morte.

Não esqueço o dia em que o corpo inerte de minha amiga voltou para casa. A cabeça emoldurava o olhar perdido no nada e um sorriso de canto de boca. Parecia zombar de todos que se aglomeravam para ver a parálitica chegar.

Eu queria escutar a voz ou falar alguma coisa, mas nada me ocorria. Queria dizer: "que bom que está de volta!", mas observei a tempo que este não era o que Mel desejava. Eu tive vergonha de contar sobre a cena que antecedeu o "acidente?" que paralisou o corpo de minha amiga. Vica nunca entendeu por que o irmão decidiu voltar para o interior justo quando ela mais precisava dele. A filha no hospital, as faxinas por fazer, as contas por pagar, as louças por lavar e ela estava mais do que nunca sozinha. Mel nunca contou nada à mãe e sentiu-se aliviada por se libertar do seu indecoroso vigia. O que faria ele ali agora? Cócegas para ver se o corpo reagia? Eu também não tive a ousadia de revelar nada a ninguém até agora. Esse silêncio foi quebrado porque saiu no jornal de hoje que Toninho foi morto numa cidade do interior da qual, dessa vez, ele não escapou a tempo.

Entre nós, as amigas inseparáveis daqueles dias, restou a cumplicidade para enganar a todos sobre a realidade dos fatos, perpetuando o faz-de-conta às avessas, no qual o "felizes para sempre" nunca existe.

ENTREMARES



"Se não saís de ti, não chegas a saber quem és (...), dizia que todo o homem é uma ilha, (...) Que é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não saímos de nós (...)."

José Saramago,
"O conto da ilha desconhecida"

Decidi passar os últimos dias de férias na ilha, abandonei a necessidade de companhia e voltei para esse lugar onde meus dias e noites passam mais devagar.

Depois de uma semana sozinha já ouço a voz que me enreda e consigo refletir sobre a necessidade de voltar para casa e deixar no passado tudo que aconteceu aqui. Fechei a conta do hotel. Já era hora. Com a mochila nas costas, caminhei em direção ao trapiche. Meus passos lentos rumaram para a última barca, que cambaleava na mansidão. Como num jogo de amarelinha, desviei das poças d'água formadas na areia por conta da chuva que caía no fim da tarde quente.

Durante as últimas noites tive sonhos amenos, nada que lembrasse a rotina dos papéis esvoaçando na minha mesa ou a angústia da página em branco. No sonho passado, as cores vieram me visitar, eram vivas e pintavam peixes de todos os

tamanhos que nadavam em piscinas de bolinhas. Borboletas jogavam pólen longe da areia e num balé desengonçado marcavam meus passos distraídos pelas poças de tinta guache. O mar encontrava as rochas com doçura e quase não existia espuma. Lá dormia serenamente uma flor de brancura intensa acostumada à maresia e ao movimento das águas.

Agora, rumo à capital, as cores esvaíam-se pelo caminho até o trapiche e meu andar buscava tão somente um lugar que privilegiasse a despedida. Calada, – também com quem falaria? – ajeitei-me no fundo da embarcação onde havia espaço suficiente para esticar as pernas e apoiar os braços. Podia sentir o balanço do mar e as ondas sonoras que embalavam o movimento inexorável. O ritmo das pernas das pessoas estava em descompasso com meu desejo de câmera lenta.

O apito de partida foi dado quando deixei de olhar o horizonte e percebi que ela se aproximava. Devia ter uns dez ou doze anos, o corpo franzino e a pele queimada de sol. Tudo denunciava sua origem praiana. Os cabelos eram parafinados nas pontas e mal balançavam com o vento que começava a soprar. Ela parou de costas para mim e colocou a mochilinha ao lado dos pés calçados com uma sandália de plástico desbotada. A mãe estava sentada, de frente para a garotinha, e, pela conversa, estavam decididas a não retornar mais para a Ilha. Iam para a capital, imagina! Aquela conversa escutada e vista de soslaio desencadeou memórias encarceradas num tempo e lugar em que a vida passava mais lentamente.

Eu devia ter a idade dela quando a mãe nos disse que íamos conhecer a Ilha do Mel. Aquele nome somado aos meus sonhos infantis me fazia acreditar que abelha é sinônimo de voo doce. Era o que aquela viagem prometia. A alegria nos olhos de minha mãe comprovava essa ideia e investiguei meus presságios com milhares de perguntas que invadiram os nossos dias de espera até a partida. Minha imaginação era regada com as histórias que a minha mãe contava sobre a ilha, como a lenda da gruta e a maldição de Tupã sobre o casal indígena Jurema e

Cauã. Ficava sempre imaginando o canto das sereias filhas de Jurema e indagava por que elas cantavam somente para os homens. Não que eu quisesse morrer na gruta, mas queria saber o tom e a melodia que os atraía para sempre. Depois, punha-me a imaginar esse lugar onde carros não chegam. Onde não há sinaleiros, nem crianças pedindo dinheiro no sinal. Onde não há as quatro estações num único dia, nem fumaça no horizonte. Onde não há ligeirinho, nem estações-tubo. Onde não há parques, nem shoppings – simplesmente porque tudo está a céu aberto e azul. Tentava apreender com o pensamento o verde das montanhas em contraponto com o branco da espuma do mar. O encontro dos dois. Meus pés correndo pela areia quente, rapidinho para não queimar a sola, o sol dourando minha pele ainda desbotada de inverno.

Aquelas últimas semanas de capital arrastavam-se como ervas daninhas que ninguém poda. E o fim das provas e privações chegaria junto com a aprovação na escola.

Poder correr na areia, catar conchinhas até a mãe me buscar já com a água pelos ombros, tomar sorvete no Casquinha, rever os amigos de verão... sonhos acordados que acompanhavam meus longos dias letivos.

Sempre me perseguiu um desejo de me deixar levar pelas águas do Atlântico. Minha mãe já o pressentia. Sua boca balbuciava qualquer coisa sobre as águas serem traiçoeiras. Nunca esqueci essas palavras, mas confesso que elas nunca me demoveram da ideia de seguir mar adentro.

A viagem para a ilha já era um prelúdio disso. A barca atravessaria um braço de oceano e debaixo de nós haveria um universo negado àqueles que vivem na superfície. Na minha imaginação, eu vivia aventuras na submersa Atlântida, encontraria as personagens de Lobato no Reino das Águas Claras, conversaria com peixes, procuraria Nemo, encontraria Bob Esponja, me confessaria com Netuno, descobriria o caminho para os grandes navios afundados e suas imensuráveis riquezas e histórias cantadas pelas sereias encantadoras de homens, que

me ensinariam a ser feliz no amor como minha mãe até então não tinha sido.

Chovia na serra enquanto o ônibus rumava para Pontal. Caminhamos até o local de embarque com as malas e a minha prancha nas costas. Minha mãe cambaleava entre as mochilas dos hippies que esperavam sua hora de embarcar. Eu achava engraçado o modo com que eles cantavam acompanhados de violão. Ela, sempre desconfiada, queria mais era embarcar e nos acomodar bem.

Colocou os coletes salva-vidas e apenas nós, entre todos os passageiros, vestíamos tão esquisito acessório. As pessoas agitavam-se ao entrar na pequena embarcação, colocando seus pertences em prateleiras de madeira na parte superior. O balanço das pernas brincava com o movimento das águas, mareando meus sentidos. Quando eu já estava quase me acostumando com o vai-e-vem suntuoso, atracamos no trapiche. Minha mãe adiantou-se e meus passos ainda em movimento de mar, tentavam acompanhá-la. Percebi o porquê da pressa quando, já em terra firme, observei ao longe uma tempestade se formando no continente. Em alguns minutos ela estaria sobre a ilha e, por isso, era preciso estar na pousada, em segurança.

Como era comum nessa época do ano, as chuvas eram rápidas e fortes. As rajadas de vento e a força das águas criavam um cenário lindo, apesar de branco. O mundo era lavado a jato e muitas vezes os estragos eram grandes. Aquela tinha sido muito forte e dava a impressão de que os ventos mudariam a ilha de lugar.

O tempo das águas do céu durou pouco, mas foi o suficiente para que eu reparasse numa menina que brincava na "cachoeira" de água da chuva que caía pela calha. Tornamo-nos amigas na mesma hora em que ela também me viu observando seus movimentos traquinos. Eu queria ir até lá e brincar também, mas a chuva logo foi embora e a minha demora em decidir adiou essa primeira aproximação.

Na casa da frente, construída com madeira simples, ficava a recepção que era decorada com souvenirs em formas de peixes coloridos, barcos a vela e marinheiros em trajes típicos com seus bonezinhos. Atrás do balcão, uma parede azul sustentava um grande leme que, segundo a proprietária, tinha sido do primeiro barco da família que chegou à Ilha no início do século XIX.

As histórias de viagem estavam estampadas em todas as paredes da pequena pousada. Havia cartões-postais dos países mais exóticos e distantes para os meus olhos infantis e, por horas, fiquei ali imaginando viagens marítimas, histórias de piratas e todas as aventuras possíveis graças ao humor de Poseidon.

Atenta ao meu olhar curioso, Helena – a dona da pousada – disse-me que da vida só levamos aquilo que podemos conhecer verdadeiramente. Vivenciar intensamente as pessoas, os lugares e entregar-me aos mistérios até que eles já me fossem completamente íntimos é o que faria sobrar algo de mim por onde quer que eu passasse. Confesso que não entendi muito bem as palavras dela, mas hoje elas reverberam em mim e eu as transformo em tudo que sinto e vivo. É certo que eu já modifiquei o que ela disse. Talvez não fosse assim tão óbvio. Mas é assim que eu interpreto aquele momento antes de tomarmos o rumo do quintal.

Saímos pelo corredor cujo assoalho rangia com nossos passos. Chegamos aos fundos da casa e, da soleira da porta, deslumbrei-me com as árvores e o gramado que refrescavam o verão. Borboletas azuis e cor-de-rosa gigantes atravessavam o terreno em voos rasantes. Pássaros entoavam suas melodias, enquanto, de galho em galho, namoravam o vento e, em solo, bebericavam o resto de chuva.

Os quartos ladeavam o muro branco. Helena nos conduziu até o nosso. Com uma cama de casal e um beliche, o cômodo oferecia também uma cômoda com seis gavetas e uma arara para as roupas de cabide. Os banheiros eram comunitários e

havia um em cada corredor.

Havia muitos hóspedes naquela época, pois aquele era um lar de preço acessível e bons serviços. O café da manhã era de boa qualidade, pois todos os produtos eram preparados ali mesmo de modo caseiro. A única coisa que verdadeiramente atrapalhava eram os mosquitos... aí os mosquitos! De todos os tipos e tamanhos. Violentos ou dissimulados, eles nos sugavam o sangue novo ainda desacostumado com a maresia. Eu tinha alergia e não demorou muito para meu corpo ficar todo pipocado. Grandes tumores levantaram-se sob a minha pele que ficou inchada e vermelha. Prevenida, minha mãe carregava sempre tudo que eu precisava naquela maleta de primeiros socorros e a pomada veio bem a calhar naquele momento de muita coceira.

Fomos apresentadas ao casal que cuidava de tudo por ali. Judith e Roberto moravam num dos quartos da pousada com a sua única filha, Íris, aquela mesma garota que outrora brincava na chuva. Não demorou muito para que nos motivássemos a brincar antes de sairmos para o almoço.

A afinidade é algo incrível e merecia melhor estudo. O que nos motiva à simpatia ou à antipatia imediata por alguém sem nem ainda conhecermos seus pensamentos? O que nos une e nos deixa "abertos" a uma nova amizade ou o que nos afasta da ideia de querer conhecer o outro? Parece que na infância somos mais suscetíveis a essa aventura.

Uma das coisas de que sempre gostei é me permitir conhecer os sonhos de alguém, invadir sua intimidade, escutar suas ideias, principalmente escutar... tenho dificuldade mesmo é para falar. Não sou gaga, se é o que se pergunta. Nem problemas de dicção apresento, mas a voz embarga sempre quando o assunto sou eu. Por isso, sempre me atraem pessoas que falam pelos cotovelos.

Íris logo percebeu isso e sentiu-se confortável para narrar todas as histórias daquele povo nativo da Ilha enquanto caminhávamos pela trilha até um pequeno restaurante com vista

para o mar. Fiquei conhecendo, pelo menos de nome, todas as meninas que moravam em Encantadas. Os meninos também já eram assunto, apesar de ainda acharmos que eles mais atrapalhavam nossos sonhos do que neles coubessem.

Longe dos barulhos da cidade grande, andávamos em passos acelerados e os brincos-de-princesa vermelhos adornavam o caminho entre o restaurante e o mar. Com o coração em ritmo de aventura, seguíamos para o meu primeiro mergulho das férias! Minha mãe exigia cuidado e não entendia a minha pressa. Eu brincava já durante a corrida e Íris me acompanhava carregando um ar de incredulidade. Para ela não fazia diferença chegar rápido ou de mansinho. O mar estava sempre lá, com suas ondas de movimento infinito. Mas correu comigo, acho que para não me desencorajar.

As águas do Atlântico cobriram meu corpo no primeiro mergulho, meus cabelos perderam volume e os cachos cresceram encostando-se à metade das costas. Senti um amortecimento prazeroso no corpo inteiro e o sol junto ao sal começavam a dourar minha pele em meio às brincadeiras que passamos a inventar no balanço que, ao invés de ninar, animava.

Íris tinha uma mania irreversível de reclamar, principalmente da Ilha. Desferia suas palavras contra tudo, até os pássaros foram por ela acusados de imitadores irracionais. Na sua visão, eles não passavam de seres monótonos que emitem o mesmo som a vida inteira. Sem coragem de experimentar novos ritmos, eles invadem nossas janelas e ouvidos com a mesma ladainha de sempre. Ela imaginava que na capital era diferente. Que pelo menos lá, a mistura do canto com o ritmo da cidade fazia aquele assobio ganhar sentido. Ali, em meio aos resmungos da mata e ao chiado do mar, o canto dos pássaros reverberava como um cão vadio em noite de lua cheia.

Não adiantava eu explicar que passarinho na gaiola tem canto triste. E que mais desolador ainda é vê-lo encolhido no canto mesmo quando com a portinhola está aberta, porque perdeu a vontade de voar. Para ela, pássaro sempre canta e

voa. É simples. Mas para mim não. Eu sabia da falta de voo e de canto.

Para pensar nos sons da cidade ela assobiava engraçado. Fazia caretas e imaginava barulhos que eram produzidos com ar entre os lábios, finalizando com um som estrondoso que me arrancava gargalhadas.

Depois do banho de mar, fomos para a pousada. Mostrei a ela o celular que ganhei naquele Natal e seu ar embasbacado dava conta da novidade. Jogamos um pouco e parece que naquele momento ela mergulhava num mundo desconhecido, em que imagens, números e letras dançam em meio à pequena tela. Mamãe nos mandou para o chuveiro. Mesmo sem querer desgrudar do aparelho móvel, ela me acompanhou. Tiramos a roupa e ela não parava de tagarelar sobre como a vida na cidade era melhor do que naquela ilha. Ela desejava conhecer a capital, ver os prédios, andar de elevador, caminhar nas calçadas, passear de ônibus, ir ao shopping. Enquanto o shampoo ensaboava meus cabelos, ela, com olhar curioso, perguntou o que era aquilo que cheirava tão bem. Achei que Íris brincava, mas quando percebi seu constrangimento reconheci que a minha amiga vivia num mundo em que as coisas mais corriqueiras da cidade poderiam ser um mistério e um desejo para quem vive ilhado.

Ela já tinha visto propaganda desse produto, mas nunca tinha usado. O pai achava desnecessário, pois o sabão de coco era bom para os cabelos e para as roupas brancas. Emprestei meu shampoo e o creme para ela pentear os cabelos, agora bem soltos e cheirosos. Ela não parava de se olhar no espelho do quarto. Não acreditava na soltura dos cachos e sentia-se num comercial de TV.

Enquanto o mar penteava a areia, penteamo-nos e nos despenteamos naquela semana inteira. Entre brincadeiras, imaginação, risos e sonhos fizemos promessas futuras e selávamos amizade eterna.

Meus dias passaram mais rápido desde que conheci Íris.

Do nascer do sol até a hora de me deitar, meus olhos inquietavam-se de tanta novidade e meus ouvidos enchiam-se de histórias que ela me contava. Não que me interessassem aquelas baboseiras sobre a vida de gente que eu nem conhecia, mas era bom ouvi-la, pois Íris tinha jeito para contadora de histórias.

As brincadeiras com os amigos dela enredavam-me o dia todo e sempre se ouvia ao longe a voz de mães ralhando: “Sai do fundo... é perigoso...” “O almoço está na mesa... vai esfriar...” “Passa mais protetor solar, menina”. Muitas vezes fingíamos que não escutávamos e continuávamos nos divertindo, esperando a maior onda... aquela que nos levaria até o raso, ou seria até o fundo? Aquela semana passava voando e nossos segredos iam sendo desvendados pela intimidade.

O momento da despedida tem gosto amargo e um nó na garganta já se formava só de pensar. Na última noite em que estive com Íris o sono não chegava.

Ficamos horas observando o céu e seus misteriosos astros que traziam consigo um brilho emprestado. Se a lua brilhava, mesmo que com o empréstimo da luz do Sol, então... poderia haver esperança pra gente. Quem sabe um reencontro na capital. Deitadas na grama, pensávamos que tudo poderia ser mais fácil do que realmente seria. Imaginamos a viagem dela para Curitiba, os detalhes do trajeto. Narrei com detalhes os passeios que faríamos juntas na cidade e ela pôs-se a sonhar com o seu destino.

Era divertido imaginá-la diante da Rua XV ou dos prédios da Batel, com aquelas lanchonetes imensas e aquela gente toda andando de carro pra lá e pra cá... seria o máximo passear de “biarticulado” só para podermos pular bem alto quando o ônibus passasse pela linha do trem. Tantos passeios faríamos juntas. Preferi não falar sobre os problemas que ela enfrentaria e deixei-a apenas com as boas imagens e o desejo de viagem. Seus olhos tinham brilho intenso e próprio quando sonhavam.

No dia da minha partida, Íris me convidou para uma aventura: conhecer o outro lado da Ilha. Respondi que era perigoso.

Mas ela era desbravadora de ilhas e de medos. Nada sobrava intacto ao olhar e ao discurso daquela menina. Confiei na sua coragem e permeada de um sentimento feliz decidi acompanhá-la. Dissemos à mãe que ficaríamos mais um pouco na Praia de Fora, enquanto ela arrumasse as malas para a nossa viagem. Mesmo a contragosto, concordou com a minha ausência, mas mandou que eu não desgrudasse do celular, para não perder a hora.

Assim que ela desapareceu na trilha, começamos a correr para o Morro do Sabão. Subimos pela trilha e a imagem que tivemos lá de cima valeu o esforço. Decidimos atravessar a praia do Miguel em direção ao Farol, era preciso caminhar rápido, pois a mãe podia desconfiar da demora. Corríamos pela areia e vez por outra mergulhávamos nas águas mornas que, nos nossos corpos, secavam ao contato com o sol.

Enquanto nos preparávamos para desbravar a nova montanha, Íris me olhou profundamente. Subimos as escadarias do Morro do Farol em silêncio. Lá no alto, ficamos separadas, olhando o mar juntar-se com o céu. Aquela imensidão me atraía, pensava em sair nadando. O mergulho para um mundo imaginado, onde os encontros e despedidas fizessem-se desnecessários.

O telefone tocou. Era a minha mãe. Disse que estávamos tomando sol (não era mentira!), mas que dali a pouco estaríamos de novo na pousada. Mais tranquila, ela desligou e esperou meu retorno, que demorou bem mais do que eu poderia prever.

O retorno, principalmente quando não se quer retornar, é bem mais difícil. Mas naquela ocasião, tornara-se um castigo. Caminhamos rápido pela beira da Praia Grande até chegarmos à parte das rochas que nos separavam da Praia do Miguel. A maré havia subido e não tínhamos condições de ultrapassá-la pela areia. Estávamos sem dinheiro para pegar uma barca e ainda por cima, não calçávamos nada. Ali não havia como passar, a não ser por cima das rochas.

A escalada não era uma habilidade da qual eu pudesse

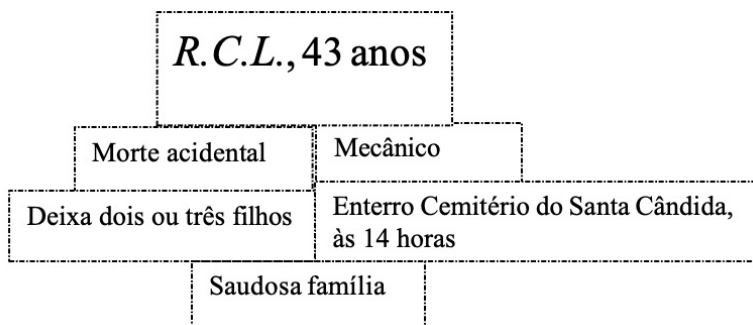
me orgulhar, até porque nunca tinha feito isso antes. Para Íris, era como caminhar entre nuvens. Ela flanava sobre as pedras, saltitando com desenvoltura. Eu sofria, tentava me agarrar entre os vãos das rochas e me arranhava no áspero terreno. Desengonçada, derrubei o celular na água. Gritei. Foi mais forte do que eu. Íris decidiu descer para pegar o maldito aparelho. Disse a ela que não precisava, mas não me deu ouvidos. Ela mergulhou na direção do que restara de concreto da capital. A agilidade de seus pés em meio aos imaginários degraus me passa agora na memória em câmera lenta. Meu olhar de espanto tenta compreender o que a motivava naquela busca. Como uma gata, caiu em pé na areia e de posse do objeto, ela sorriu pra mim.

O canto engaiolado do pássaro soou mais alto quando Íris foi levada pelo mar até as rochas. Eu fiquei ali atordoada. A espuma das águas cegou-me por alguns instantes. Fechei os olhos como quem tateia na escuridão uma saída. Decidi correr até a praia para pedir ajuda. A coragem dela invadiu minhas pernas e braços e eu escalei a grande rocha. Meus pés não conheciam freios e o desespero era o combustível para a máquina que por dentro desfalecia. Entrei na mata e, se ali havia cobras, poças de lama ou caranguejeiras, eu desconhecia.

Cheguei à Praia do Miguel e gritei para um grupo de surfistas. Eles vieram ao meu encontro. Os bombeiros foram alertados e, enquanto eu esperava por notícias de Íris, um gosto amargo na boca e um nó na garganta calaram meu grito.

Nesse meio tempo em que pensava em Íris, a menina da barca ajeita o vestido de flores. Abrindo a bolsinha de pano, pega orgulhosa o seu espelhinho. Só agora consigo ver seu rosto. Um batom cor-de-rosa dança em seus lábios fininhos. Seus cabelos cacheados balançam com as ondas do mar, corando o sorriso que anuncia a sua primeira viagem. Os olhos da menina da barca brilhavam no espelho e carregavam com eles os sonhos de Íris.

AMOR JUVENIL



Sempre a chuva era sinônimo de festa nos corredores que uniam os blocos de apartamentos do conjunto habitacional Santa Cândida, onde morávamos. Na infância, a alegria invadia nossos dias porque de água enchiam-se as piscinas imaginárias nos campinhos de futebol e as meninas podiam ocupar o espaço até então reservado ao prazer masculino. Era delicioso sentir as poças d'água cobrirem nossos corpos franzinos como um abraço há muito esperado. As brincadeiras de molhar as amigas misturavam-se aos pingos graúdos que do céu abençoavam a inocência. A chuva sempre foi a melhor amiga de todas e a presença dela alegrava os pensamentos e o banho de ideias que dali surgia.

A primavera sempre teve um sabor diferente entre a infância e a adolescência. Caíam as primeiras flores de ipês roxos e eu ainda brincava de princesa quando o vi pela primeira vez. Imaginava camas de flores, com enxoval de dia de festa para as nossas bodas que jamais se concretizaram. A vida aos poucos criou outros leitos para esse amor juvenil. Não era como os sonhos coloridos da infância, mas também nada que ofendesse o desejo de aventura.

Entre os prédios da COHAB havia espaço suficiente para o desabotoar de calças e o desajeitado modo com que nossos corpos se entrelaçavam. Desde o primeiro beijo sempre fez ve-

rão entre a gente. Era impressionante a prática com que nos colocávamos entre um degrau e outro da escada do bloco de cima sem expor nossos corpos seminus aos olhares atentos das vizinhas.

Ríamos como nunca quando alguém mais sagaz percebia nossa ousadia. Não era rara a bronca que levávamos das nossas mães, pois para a sabedoria adulta, aquele comportamento era reprovável. Elas haviam se esquecido o quanto era bom se entregar aos mistérios do imprevisto, do amor independente do espaço. A gente não se desgrudava e a nítida sensação de que a vida poderia ser simples sempre nos iludiu a respeito de um futuro juntos.

Quase tenho a sensação de vê-lo aqui, ao lado da janela, a me hipnotizar com seu modo de tocar violão: seus dedos moviam-se com desprendimento pelas cordas sem nunca deixar de vibrá-las. Aquele movimento próximo e ao mesmo tempo livre abrigava um segredo que só hoje compreendo. Cabia naquele vão entre o espaço e o tempo um sentimento de amor e liberdade, uma junção de tudo que é admirável e intenso. O mundo morria de inveja daquele amor. Eu o invejo hoje.

Nossa separação foi como todas as outras. Traumática. Ciúmes meus. A imagem dele sendo assediado diariamente. As meninas do conjunto de cima desejavam-no. Ele dizia nunca ter se envolvido com elas. Se eu tivesse a experiência naquela época... me entregaria com sabedoria ao desgaste da paixão que é ilusória e logo abre espaço para o sentimento a ser adubado. Tendo o respeito e a confiança como premissa, regaria com palavras doces nossos dias e noites e arrancaria com paciência cada pensamento de desconforto. Nutriria nossa vida com comida preparada de modo delicado, escolheria com astúcia os ingredientes que vitalizam o corpo e ajudam a mente e a alma a se desenvolverem em ritmo sadio.

Hoje já não posso mais idealizar essa vida, nem a paixão exacerbada (sinto o ciático e a coluna arderem só de me imaginar rolando pelo gramado do campinho) – nem mesmo a

tranquilidade do futuro que nunca tivemos. Por onde andariam aqueles corpos perdidos no tempo?

R.C.L. 43 anos, repousa agora, depois de um acidente de moto durante a tempestade que devastou boa parte da cidade ontem à noite. Pouco sobrou das pernas que antes entrelaçavam as minhas. As mãos já não se movimentam. Como teria ficado o rosto? Era tão perfeito. Pele morena, olhos verdes, cabelos claros... teriam esmigalhado aquele sorriso? Nada restará além do meu olhar que em pouco tempo se apagará.

AMOR DE FILHO

C. M., 40 anos, músico, escritor, professor e corredor de maratonas.

Velório será realizado na câmara municipal de Londrina, cidade natal do falecido.

Eu sei que é absurdo, mas minha mãe precisa me tirar da cama... é uma droga eu não conseguir acordar sozinho... eu queria ser aquele cara que se arruma com calma, toma café da manhã como nas propagandas de margarina e vai para a escola sorridente. Mas não entendo por que ela tem necessidade de tornar esse pesadelo ainda pior, sempre aos solavancos seguidos de resmungos sobre como a vida dela é uma droga ou como estamos atrasados para a primeira aula... No entanto, hoje foi com doçura que ela me sacudiu às seis e meia da manhã.

Assim que me levantei, percebi no rosto dela um ar tranquilo e um meio sorriso que eu não via há tempos. Acho que isso não acontecia desde o último namorado dela se cansar da nossa rotina atrapalhada permeada por crises de TPM e ciúmes infundados, dando um ponto final em mais uma de suas relações efêmeras. Parecia então que ela havia desistido daquele sorrisinho tolo que as mulheres carregam quando estão apaixonadas.

Hoje ela fez o café com calma. Levantou-se mais cedo, acordou-me com doçura, como eu já disse anteriormente. Essa paz da madrugada me inquieta porque já conheço o rumo dessa história. Semanas de calmaria, sorrisos à toa, presença em uma vida de ausências, até a primeira briga, o primeiro desconserto, a primeira já conhecida desilusão. A casa então entraria no já conhecido ritmo. Batidas violentas na porta, crises histéricas em frente ao elevador que sempre demora para fechar a porta e ensurdecer o nosso grito de não aguento mais.

Ela dirigiu devagar e respeitou todos os sinais amarelos. Acho que cantarolava baixinho. Não perguntou se eu havia feito a lição, imagino que para não escutar a negativa que sempre

a irrita.

Chegamos num silêncio só nosso e com a certeza de que a vida é melhor quando ela se apaixona. Pensei em perguntar quem era o felizardo da vez, mas me contentei com o beijo carinhoso na testa e segui para o calvário das cinco aulas que me aguardavam.

Agora ela deu para disputar comigo o tempo em frente ao computador. Textos nascem na tela fria e quanto mais ela digita, mais aumenta em mim a certeza de que o destinatário daquelas linhas vai entrar porta adentro de casa e descobrir tudo. Vai reparar na casa que, por mais que a gente arrume, parece sempre que estamos de mudança. Vai reparar na liberdade que ela me dá para fazer do meu tempo o que bem entendo. Vai reparar na relação de amor e dependência que ela ainda tem com a própria mãe. Vai reparar na correria matinal. Vai reparar no nosso mau humor matinal. Vai reparar nos sons que a nossa casa emite. Vai reparar no cheiro de bolo de laranja que ela faz (até então) só pra mim. Vai reparar nas visitas infundáveis das amigas dela e em todas as histórias que elas contam. Vai reparar que sou o único com acesso a todas essas informações desde a infância. Vai reparar que me perturba saber que a minha mãe não é a Santa Mãezinha da Mary Del'Priori. Vai reparar que as mulheres são qualquer coisa de inexplicável, que elas mudam de ideias e desejos a cada instante. Vai reparar que elas falam sem parar. Vai se cansar de toda a verdade. Vai sair por aquela porta e não vai mais voltar. A não ser que eu não esteja em casa.

Ela começou a lavar roupas cotidianamente. O barulho ensurdecedor da nossa Brastemp da década de 1970 herdada da minha avó invade as janelas do prédio todo, arrancando da cama quem queria dormir até mais tarde, irritando aqueles que precisam ler ou se concentrar na televisão ou ainda aqueles que apenas apreciam o silêncio matinal. Isso me pinica de vergonha. Tento justificar para mim mesmo que aquela raridade que chamamos de lavadora de roupas é, na verdade, um equi-

pamento em teste da NASA e que testamos cotidianamente um novo experimento que levará o homem aos planetas mais distantes da galáxia e que, por isso mesmo, havia um grande motivo para que, todos os dias, ela ligasse aquela geringonça. Com o coração ufanista afagado, tentei me concentrar na leitura da biografia completa dos Beatles quando notei que ela observava, disfarçando o interesse, o varal vizinho.

Pensei em sugerir que ela lavasse a roupa uma vez por semana, como uma família normal, que tem uma máquina de lavar normal, que tem uma vida normal, mas aquelas horas que ela passa na lavanderia a observar o varal alheio pareciam acalmá-la. Seu olhar se perdia entre toalhas, camisetas, lençóis e parecia que algo começava a fazer sentido naquela rotina.

Diferente das outras crises de paixonite aguda, agora ela está calma, mas o sorriso ridículo continua. Isso pode indicar que realmente ela está apaixonada, mas por que ela mantém o mistério? Seus gestos estão desenvoltos, mas ela controla a língua. Seus olhos brilham de modo intenso cada vez que ela olha pela janela da lavanderia. O que passaria por aquela cabeça oca? Aliás, fui maldoso agora. Ela não tem nada de cabeça oca, aliás a imaginação dela é algo impressionante. Histórias e personagens navegam o tempo todo pela mente dela que lê, cria e recria histórias em seu cotidiano. Fala em verso às vezes. Se fôssemos dar os créditos, teríamos que colocar aspas em boa parte do que ela fala. Um saco de aspas à mão e sairia eu pontuando tudo que ela profere. Ela não dá os créditos. Defende que tudo que dizemos ou escrevemos provém daquilo que ouvimos ou lemos. Copiamos o discurso o tempo todo. Não há mais nada de original. A originalidade é um conceito falido. É tudo recriação para novos contextos. "Está tudo nos clássicos, meu filho". Por que ela continua escrevendo? Não sei. Mas ela escreve muito. Está sempre envolvida com eventos literários, é popular no circuito restritíssimo de leitores vorazes de nossa cidade, vez por outra, seus textos são publicados por amigos no jornal literário da capital e ela goza da fama de mulher culta

e agradável. Isso porque sempre recebe os amigos em casa. São noites intermináveis em que eles entornam garrafas de vinhos caríssimos (esqueci de dizer que ela adora e pesquisa muito sobre a arte de degustar bons vinhos e fumar charutos) e leem passagens de Grande Sertão: veredas, de Guimarães Rosa: a bíblia aqui de casa. Se nas amizades ela pelo menos tem algum retorno afetivo, na vida amorosa... sempre foi um desastre. Nem cabe aqui desgastar o leitor com todas as histórias malogradas pelas quais essa mulher se esvaiu ao longo dos anos. Mas em todas havia nela um desejo de viver personagens. Cresci vendo essa mulher contar suas aventuras amorosas a quem quer que fosse. Um milhão de vezes. As mesmas histórias. Com os mesmos começos e os mesmos finais. Ela despejava tudo. Suas conquistas e decepções eram de conhecimento de todos aqueles que tinham paciência de ouvir. Eu nunca tive outra escolha. Ela não retinha nada. Talvez por isso fossem sempre tão parecidas as histórias. Mudavam as personagens e seus estilos de vida que ela mimeticamente assumia para si. Sua mania de passear pelo mundo dos outros a transformava em personagens (às quais eu quase me afeiçoava), mas era tão pouco o tempo que permaneciam que, quando eu começava a me acostumar aos trejeitos, às vestes e à linguagem, ela tratava de travestir-se de novo, de acordo com a nova história que ela inventava para si mesma.

Lembro agora dos meses de tortura quando ela se envolveu com um músico, muito dedicado à vida natureba, de mergulhos infundáveis nos recantos da simplicidade e religiosidade. Ele não era nada santo, como ela descobrira mais tarde. Mas o envolvimento dela chegara a tal ponto que me vi ameaçado de viver numa comunidade neo-hippie à beira do rio, com mulheres e seus saíões ripongos coloridos, sandálias de couro e pernas femininas cobertas por pelos. Detesto mosquitos. Detesto floresta. Detesto rio. Detesto pernas femininas peludas. Fui obrigado várias vezes a conviver com pescadores e suas famílias famintas. Piolhos não foram o maior trauma daquela

fase da nossa vida. Ela parecia não entender minhas ressalvas àquela vida simples e bonita só na poesia. Por sorte, como eu disse, ele não era santo, aliás... não demorou para que ele a enxergasse como a si mesmo e começasse a chamá-la de irmã. Enjoou da cara de sempre. Reconheceu-se e não gostou do que viu. Tratou de arrumar outra. Alguém que o lembrasse menos da grande coisa nenhuma que ele era. A ela, sobrou a opção de voltar aos poucos a ser a “mulher do tailleur” que sempre foi e nunca assumiu. Isso até a próxima história. É sempre interessante observar a metamorfose às avessas. O retorno aos antigos traços de personalidade. A linguagem do outro ir desaparecendo de seu discurso. E os pensamentos de repúdio à realidade anterior inventada.

Agora ela está calma. Não comenta o que sente. Isso será parte da nova personalidade que ela inventa para si? Seus amigos vêm aqui e ela não lhes diz o porquê das horas na janela. Ao ser perguntada sobre alguma nova história, ela mente. Diz que não há novidades. Mas eu a conheço. Os outros não. Contentam-se com o que ela diz. Eu a enxergo em cada gesto. Fisgo seus pensamentos agora mais escondidos nas entranhas do seu recente mistério. Navego seus sonhos. Será que desta vez ela será a mesma?

Chamamos o elevador. Já eram sete horas da manhã. Estávamos no horário. A porta abriu e um sorriso desconcertante instalou-se no olhar dela ao encontrar o vizinho. Ele vestia terno e gravata. O perfume era forte, mas bom. Cabelos bem penteados. Os dois estudaram juntos no curso de Letras. Coincidências nos interesses. Ele é professor como ela. É músico e poeta e ainda cuida do corpo correndo maratonas. Ela queria ser cantora e também escreve seus versos. Ele viaja o mundo e ela, quando pode me deixar com alguém, viaja rumo ao universo. Ela não me contou mais do que eu perguntei. Notei que ali, quem sabe, num futuro próximo, a vida desses dois pudesse ter mais coincidências. E tomara que eu esteja enganado com relação a ele ir embora.

Mas eu nunca me engano. Dessa vez aconteceu que o varal ficou vazio por muitos dias. Ninguém mais abria o apartamento do vizinho. Ela continuou de vigília. Dizia a si mesma que ele deveria estar viajando e logo voltaria. Os dias foram passando e ninguém falava nada. Ela perguntou à zeladora do prédio se havia notícias do vizinho. A mulher disse que havia sofrido um acidente de carro e que o velório foi na cidade onde ele havia nascido com as merecidas honrarias.

AMOR FANTASMA

R.V., 59 anos

Desempregado

**Enterro Cemitério Água Verde, às
13 horas**

A sala pequena estava vazia, na parede dos fundos havia uma cruz de madeira. Já era quase hora dos coveiros começarem a cavar mais uma cova. Ninguém havia reclamado o corpo linchado. Também ... quem é que pode com a fúria do povo? Ela chegou vestida de branco. Vestido simples e longo. Flor vermelha no cabelo. Se bem me lembro, era uma rosa vermelha. Chegou perto do caixão. Tirou da bolsa um lenço embebido em cerveja e limpou o sangue das mãos do morto. Em silêncio, acendeu uma vela branca e ficou ali por mais alguns instantes, com os braços esticados e as palmas das mãos em cima do corpo. De olhos fechados, balbuciou algumas palavras e saiu quando os homens entraram para levar o caixão.

Ester morava sozinha com o filho já adulto e, quando reencontrou um amor da adolescência, sentiu reacender nela um desejo sufocado há anos. Fisicamente ele pouco havia mudado. Continuava o mesmo aos olhos carentes dela. Ao reencontrar o amor do passado, sentiu-se envolvida pela imagem que tinha de si mesma na juventude e imaginava que ele também a via com o mesmo viço de 20 anos atrás. A ilusão e a miopia foram as lentes que a guiaram nos meses em que voltaram a namorar.

Viajaram, comeram, beberam e se divertiram juntos. Conversavam a madrugada toda ao som das canções da década de 1990. Vinho e cerveja regaram aqueles encontros que se intensificaram, quase não sobrando tempo para a saudade. O desejo dela pelo corpo dele era incontrolável. Ele nunca a deixou sem uma resposta positiva às suas incansáveis deman-

das. A intimidade entre eles parecia nunca ter se esfacelado no tempo. De repente, 20 anos de ausência nada significavam, pois ela sentia que estava diante do mesmo homem, do mesmo desejo, do mesmo sexo, do mesmo amor. Suspendeu o tempo das outras atividades, desejava nunca mais desgrudar seu corpo do dele. As respostas positivas dele nunca cessavam e seu homem atendia a todas as suas exigências.

Tiraram todas as máscaras. Os defeitos e traumas que carregavam começaram a aparecer em meio a tantas conversas, a tanta intimidade, a tanto tempo juntos. Não é fácil esconder a verdade e viver os personagens que inventamos para nós e para os outros por muito tempo. Ela devia ter previsto isto. Ester poderia ter evitado tanta dor.

A certa altura, ele não suportou mais tamanha intimidade. A porta do banheiro viva sempre aberta. Preferiu não voltar mais à casa dela. Usou como desculpa o fato de não ter emprego, não ter dinheiro para aqueles encontros que sempre ela bancara, não ter “gostado tanto dela assim”. E talvez neste exercício de livrar-se do compromisso ele tenha mentido pela primeira vez sobre o que realmente importava.

Ela passou o mês seguinte com uma dor imensurável, uma bola de pelos se formara em sua garganta, o choro compulsivo nada aliviava. Não conseguia dormir, comer era impossível com aquela obstrução na laringe. Sentia falta do cheiro dele e às vezes inventava essa lembrança. A voz dele invadia a imaginação dela e as desculpas que ele dava para ter sumido daquele jeito eram aceitas de imediato. Mas ele não estava mais ali. Nada do que ela pudesse inventar dava conta de encobrir a realidade. Ela não suportou a separação e lutou consigo e rezou para tê-lo de volta.

Agora entendia a necessidade de perdoar. Ignorou seu teimoso orgulho e procurou-o novamente. Pediu para reataram o namoro. Não suportava mais as noites insones. Ele fez charme. Pediu tempo para pensar. Dois dias depois, resolveram retomar os assuntos suspensos no mês de insônia que ambos

enfrentaram.

Mas ela percebia certo distanciamento dele. Conversavam muito ainda, mas o tom dele era mais áspero e as amenidades imperavam. No mundo virtual, ele dirigia doces palavras, nos encontros reais sobrava aridez de afeto. Ester sentiu ciúmes. Discutiu on-line! Quem diria? Ela que tanto detestava discussões virtuais... ele se desculpou pelo comportamento hostil. Ela aceitou porque o amava. Conversaram muito. Ela a tranquilizou oferecendo a senha de acesso às suas redes sociais. Ela recusou tal violação de espaço do outro, mas ele insistiu. Ela sabia que sua auto-estima estava frágil. Eles não fizeram sexo aquele mês. Ele não queria ou não podia. Não se sabe. O fato é que algo nela mudou naquele mês de insônia. Já não se via mais tão menina, reconhecia a passagem do tempo e percebia que poderia usar aquela senha das redes sociais para enfim compreender o óbvio: ela amou sozinha.

Não queria ter visto o que viu na página virtual dele, mas também não poderia mais delongar-se nas conversas da madrugada. Ele havia sumido há três dias. Ela o procurou nas redes sociais de posse da senha e lá encontrou diálogos repugnantes, nudes frente e verso, corpos infantes em poses traquinas.

Uma denúncia anônima levou a polícia à casa do homem que cometia crimes de pedofilia. Não foi possível conter a população local que linchou o pedófilo até a morte.

R.V., 59 anos, deixa um amor que jaz diante do horror.

ENTRE AMIGAS

S.g.S. 59 anos, instrumentadora cirúrgica, deixa família saudosa. O enterro ocorrerá na capela I do Cemitério Municipal de Colombo.

Como de hábito, fugi do Santa Cândida para me embrenhar nos paralelepípedos de Colombo. Garoava e as pedras negras ganhavam brilho. Cheguei à casa de Selina e jantamos com seus pais. Ela me olhava com os olhos verdes esbugalhados enquanto a irmã dela nada falou durante o jantar. Lavamos a louça e fingimos que íamos dormir. Os pais dela foram para o quarto e lá adormeceram sem desconfiar de nada. Vestimos as roupas de noite: calça justa, blusinha decotada. Desarrumamos as camas como se corpos ali houvesse. Pé por pé, saímos pela porta de entrada e, com a prática adquirida, calçamos os sapatos pouco antes de ganharmos o rumo da rua.

O caminho até a danceteria era feito a pé e, estranhamente, naquela noite, as conversas tomavam sempre o destino contrário do que eu queria. Sentia uma necessidade enorme de dizer o quanto desejava voltar a namorar com o César, mas elas me interrompiam com qualquer bobagem que tinha acontecido no colégio naquela semana. Falavam de si mesmas, sem prestar atenção na minha ansiedade em manifestar meu amor pelo primeiro homem com que eu havia transado. Não havia mais interesse, ninguém queria escutar sobre o César e talvez eu já tivesse abusado da paciência delas com as mesmas histórias.

Nada além de futilidades ocupava aquelas cabeças. Quando chegamos ao Califórnia, Selina separou-se de mim. Eu buscava com o olhar inquieto os cantos da danceteria onde

ele e a sua turma costumavam ficar. Eu o vi do outro lado da pista, estava incrível com uma jaqueta de couro, os cabelos ralos sempre bem penteados, as pernas grossas ganhavam destaque na calça jeans. A seleção de música já bem conhecida rumava para o momento esperado: a sessão de música lenta. Meu rosto estampava uma alegria incontrolável, a esperança da primeira dança e do primeiro beijo depois de dois meses separados. Aquele era o momento perfeito no qual os casais se encontravam, dançavam de rosto e corpos colados. Dei uma volta para ver se me expunha aos olhares dele e quando o avistei percebi que seus passos acompanhavam pernas femininas.

O DJ tocava a nossa música que naquela maldita hora embalava meu amor colado ao corpo de Selina que apertava os braços dele até que seus rostos de tão perto se tocaram. Não tardou para que os lábios deles se encontrassem e para o chão desaparecer sob meus pés. Diante do meu olhar atônito, mãos leves me puxaram para longe da cena. Escutei a voz da Karen explicando que a Selina havia apostado duas doses de Martini para provar sua coragem de ficar com o Gustavo na minha frente. Duas doses... ela ainda repetia.

De posse de um nojo que até então nunca havia sentido, com a vista ainda turva da cena que eu não queria acreditar, atordoada segui para o bar. Comprei as duas doses de Martini e quando estava prestes a oferecer o presente ao casal, meu irmão me segurou pelo braço e me levou para longe da pista.

Ele balançava a cabeça freneticamente, seus cabelos longos e cacheados dançavam em meio à fumaça de gelo seco. Sua boca pronunciava palavras de alento, mas eu estava realmente surda. Mesmo diante da minha surdez me poupei da humilhação e bebi as duas doses, na verdade não só duas... o Martini desceu bem, amortecia os sentidos. A ressaca garantida do dia seguinte eu creditaria às azeitonas que acompanhavam o drink, servido em taça elegante. Eu engolia aquilo entre um choro desesperado e o desejo de permanecer forte. Camuflei meu estado deplorável e fiz o caminho de volta para a casa dela.

Seria estranho eu não acordar lá, os pais delas descobririam nossas fugas. Também não poderia caminhar sozinha até o Santa Cândida. Suportei com dificuldade vê-los juntos no portão da casa, onde antes era o meu espaço de amar. Arrumei uma cama na sala e não dormi. Mais cedo do que os outros me levantei. Com o movimento estranho, pai e mãe surgiram na sala. Poucos segundos foram suficientes para finalmente ganhar o caminho da rua. Demorei muito para entender o porquê daquela traição. Ela não o amava, sempre dizia que não o suportava, que eu merecia um amor de verdade. Havia naquela aposta algo mais intenso que só mesmo as entranhas da memória são capazes de revelar.

Selina sempre foi considerada a mais bonita entre as meninas do colégio. Seus olhos grandes e verdes despertavam admiração nos meninos e inveja nas meninas, que sempre alertavam para os perigos de olhos traiçoeiros. Eu não acreditava nessas bobagens, enxergava na minha amiga uma fragilidade ingênua diante da beleza que carregava. Juntas conhecemos as primeiras noites, as fugas em busca de diversão, os cochichos no retorno da aventura, os pratos aquecidos sorrateiramente, a pressa por novidades e o desejo pelo amor.

Certa tarde, quando estávamos somente as duas em casa, ela me trancou no quarto, me empurrou em cima da cama e quis me beijar. Eu achei que ela estava brincando e saí da situação às gargalhadas. Nunca conversamos sobre o assunto e deixamos cair no esquecimento aquele desvario adolescente.

Com o tempo, a felicidade de uma não necessariamente refletia a satisfação da outra e dessa forma o ambiente para o sentimento de ciúmes estava criado. A roupa nova de uma era motivo para desdém da outra. O namorado de uma era o desejado da outra. Selina não disfarçou o contentamento ao ser também desejada por Gustavo. Diante do assédio, num vai e vem de sorrisos inventados, a verdade apresentou-se.

Agora, a garota já mulher não consegue chorar a morte da amiga que, na verdade, já ocorrera há décadas.

AMOR PROIBIDO



Logo após a missa, os convidados serão recepcionados na casa do viúvo onde será servida a famosa sopa de pinhão do aniversariante.

Agosto é o mês em que teoricamente as desgraças ocorrem na família de Silvana. Bolos ficam abatutados, os passeios são cancelados, as mortes parecem inevitáveis. Há em torno desse mês um clima de agouro, para com o qual todos, exceto Marcos, mantêm um respeitoso consentimento.

Marcos nasceu em agosto e desenvolveu certa obsessão em provar a todos que tudo isso não passava de credice e clichê. Sempre comemorou seus aniversários servindo aos amigos a melhor sopa de pinhão da cidade.

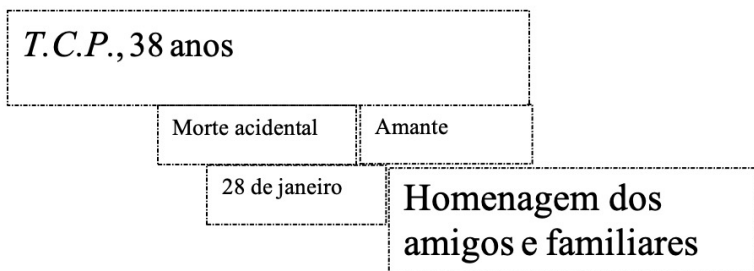
Aprendeu a receita com a mãe e jamais terceirizou o serviço. A preparação da sopa seguia sempre o mesmo ritual: a família e agregados reúnem-se na cozinha para descascar os

pinhões que eram cozidos sem sal por causa da pressão alta da Silvana. Algumas mulheres embalam as crianças de colo e entoam canções, outras cortam salsinhas e cebolinhas verdes. A cunhada encarrega-se de cortar em pedaços minúsculos a cebola, sempre reclamando da árdua tarefa. Enquanto isso, os homens manipulam com muita destreza o descascador de pinhão, sendo que a moagem do ingrediente principal fica por conta da experiente mão do aniversariante, que move com agilidade o pilão, enquanto se entretém com a visão do esfarelar.

Naquele ano, a notícia da bariátrica da Silvana o fez cogitar a possibilidade de cancelar a festa de aniversário. Afinal, ela estaria em dieta rigorosa. Mas o fato de já ter comprado os sacos de pinhão causava-lhe certa angústia. Pensou na possibilidade de enviar a esposa para a casa da sogra no dia da festa, mas não precisou levar a ideia adiante porque Silvana não resistiu à cirurgia e faleceu.

Durante a semana que sucedeu o velório, muitos foram os conflitos vividos pelo viúvo do qual se esperava o mínimo de bom senso e o cancelamento da festa de aniversário. Mas resistia nele um desejo de comemorar. O convite para a missa de sétimo dia veio acompanhado do bilhete informando sobre a sopa. No dia marcado, a capela do bairro reuniu bom público para escutar as palavras de alento do padre. Na casa do aniversariante, a preparação do prato seguiu outros ritmos. Não havia outras mãos para ajudar. No entanto, por desejo incontrolável, salgou a gosto o pinhão. Cebolas, cebolinhas e cheiro verde foram triturados no multiprocessador e o descascar e a moagem do pinhão foram realizados com a minúcia de sempre. Diante da cumbuca repleta de sopa, Marcos admirou o prato preparado somente para si. Pela primeira vez sentiu o aroma e aprovou a textura. O sabor assemelhava-se agora à sopa que sua mãe preparava. Sentiu no peito um carinho perdido no tempo. O creme quente nutriu-o de motivos para comemorar. Sensação a que se dedicaria a partir de então.

AMOR COM DATA DE VALIDADE



Era assim, meio sem jeito, com os olhos azuis perturbadores, pés descalços no assoalho do ônibus, que ele tentava explicar a ela que os sentimentos são fugidios e que, naquele momento, parecia-lhe que nenhum restara. Era difícil revelar essa ausência do sentir para aquela mulher que parecia possuir todos os sentimentos mais intensos e extremos. Para ele, era algo tentador a convivência com alguém assim. Sempre buscou aguçar os sentidos, pisava descalço a terra para sentir as energias fluírem pelo corpo; gastava horas a observar com atenção os astros e o derreter do gelo nas montanhas. O céu não escapava ao seu intento de percepção, mas fugiam-lhe ao sentido os extremos comportamentais, por isso, algo naquela mulher o atraía. Talvez a curiosidade... mas seria a curiosidade uma manifestação do sentir? Mesmo diante de todas as incertezas, ele prosseguia no seu intento de alertá-la sobre sua incapacidade de amar.

Talvez ele tivesse escolhido o cenário e o momento errados para conversar sobre o assunto. Depois de uma semana de céu azul na Escócia, mesmo em tempos de inverno intenso, naquele dia de despedidas a paisagem era gris. A viagem de Glasgow a Aberdeen foi feita de ônibus, pois havia hora marcada para o retorno e não poderiam novamente se entregar à imprevisibilidade das caronas. No ônibus, não havia lugar para os dois sentarem juntos. Sentaram-se com um corredor entre

eles. A conversa em português rumou para um tom mais grave, no qual o choro (que ela de forma inútil tentava disfarçar olhando para a janela) destoava da sobriedade da ocasião.

Diante da explosão do sentimento mais doído, restou-lhe o gesto confortável de apertar a mão dela. As palavras ali cessaram e perderam o sentido. Não se arrependeu do que disse, nem tão pouco pesou-lhe a verdade.

A semana que passaram juntos e a certeza de que ela já estava com data marcada para partir poderiam ter evitado a conversa. Mas para que prolongar a ilusão? Era muito boa a verdade. Um breve encontro entre duas pessoas, completamente diferentes, que compartilharam bons momentos, belas paisagens, comidas, vinhos, leituras de Maupassant, fogo, caminhadas, carinhos. Dessa percepção da relação provém o medo.

“- Permitam-me me explicar! O medo (e os homens mais ardilosos podem ter medo) é qualquer coisa de horrível, uma sensação atroz, como uma decomposição da alma, um espasmo do pensamento e do coração, cuja lembrança solitária oferece estremecimentos de angústia. Mas aquele não acontece nas situações comuns, quando se é corajoso, nem diante de um ataque, nem diante da morte inevitável, nem diante de todas as formas conhecidas de perigo: aquele tem lugar em certas circunstâncias anormais, sobre certas influências misteriosas, diante de riscos vagos. O verdadeiro medo é qualquer coisa como uma reminiscência de terrores fantásticos de outros tempos.”¹¹

1 Tradução livre de trecho de Guy de Maupassant – Contes de La Bécasse et autres contes de chasseurs. “- Permettez-moi de m’expliquer! La peur (et les hommes les plus ardis peuvent avoir peur), c’est quelque chose d’effroyable, une sensation atroce, comme une décomposition de l’âme, un spasme affreux de la pensée et du cœur, dont le souvenir seul donne des frissons d’angoisse. Mais cela n’a lieu, quand on est brave, ni devant une attaque, ni devant la mort inévitable, ni devant toutes les formes connus du péril: cela a lieu dans certaines circonstances anormales, sous certaines influences mystérieuses, en face de risques vagues. La vraie peur, c’est quelque chose comme une réminiscence de terreurs fantastiques d’autrefois.” (Guy de Maupassant)

Despediram-se amigavelmente e as indagações que ainda restaram foram caladas. A viagem de ônibus de Aberdeen a Londres pareceu demorar bem mais que as doze horas previstas. Um misto de tristeza e a certeza de que tudo havia terminado desembocara em reações entre pranto e vigília. As lembranças eram um alento sempre entrecortado por pontos de interrogação. De fato, o sono não veio. Londres estava estranhamente bela, com o céu vermelho como há tempos não se via. O anúncio de um novo dia com o brilho do sol tentou animá-la.

O avião de volta ao Brasil partiria dali a algumas horas e havia tempo suficiente para revelar as poucas fotos que havia feito na Escócia. Era verdade o que havia escrito no livro de visitas no Bothy. Era mesmo inesquecível tudo o que viveu e o medo deu lugar à paz.

Quando o comandante anunciou a pane na aeronave, lembrou-se das palavras de Maupassant e da sua coragem ao deixar-se chorar e sentir o verdadeiro medo. A primeira tragédia da grande companhia aérea anunciada na rede televisiva mundial selava o destino e a certeza de que a ela agora não restara medo algum.

AMOR VIRTUAL

i.R. 15 anos, estudante

deixa família saudosa. O enterro ocorrerá no Cemitério Bom Retiro, às 16 horas.

Era dia do aniversário da segunda menina que ele beijou. Sabia que existia entre ele e a aniversariante algo mal resolvido e, por isso, não queria ir. Não havia, além do fato de terem 12 anos e suas mães serem amigas, nada que o obrigasse a encarar o “Com quem será...” na hora dos parabéns. A situação piorava diante do incentivo da mãe, que não via mal algum nessas brincadeiras de “crianças”.

Nessa de “vai depender se o Fulano vai querer...” o nítido constrangimento denotou a importância da presença do garoto àquela festa. Os rumores correram as mesas dos convidados que curiosos queriam descobrir de onde vinha aquele pretendente a namorado da queridinha de todos. Mal sabiam que o menino não via a hora de escapar da emboscada e, mais atento do que nunca, já havia reparado nas graças da prima da aniversariante.

A mãe, assim que percebeu a enrascada, tratou de arranjar um pretexto e levou-o embora. No caminho para casa, conversou a respeito da postura do garoto. Disse-lhe que aquele não era o momento oportuno para demonstrar interesse por outra garota. Ele ainda tentou argumentar, dizendo que não tinha nenhum compromisso com a aniversariante, mas fora inútil. A mãe, indignada com a postura do filho, deixou-o com suas certezas e foi descansar, refletindo sobre o fato de que as mulheres educam os filhos e muitas vezes, parece que essa educação entra por um ouvido e não resta tempo suficiente

antes de descambar pelo outro.

A ressaca moral do dia seguinte:

MÜREN: oie.

BELLA: finalmente.

MÜREN: tudo bem com vc?

BELLA: o que vc acha?

MÜREN: sei lá. Ganhou muitos presentes?

BELLA: claro. Gostou da minha prima?

MÜREN: opa!

BELLA: é... parece que ela tb gostou de vc. **MÜREN:** levei a maior bronca da minha mãe. **BELLA:** pq?

MÜREN: ah, ela disse que vc tinha ficado de cara comigo.

BELLA: só pq vc deu em cima da minha prima no meu aniversário?

MÜREN: eu não dei em cima de ninguém.

BELLA: não foi o que pareceu. **MÜREN:** eu só conversei com ela. **BELLA:** sei. E ela bem que gostou.

MÜREN: pois é. Mas nada a ver. Mas tô de cara. Não sei por que essa tragédia toda. A gente nem tá namorando!

BELLA: eu to sabendo. Pra vc o que rolou na praia não é nada. **MÜREN:** ei, não é nada disso. Só disse que a gente não tá namorando.

BELLA: tá bom então. Vou ajudar minha mãe. A gente se fala. **MÜREN:** ei... só uma coisa... vc ficaria chateada se eu te pedisse o telefone da sua prima?

BELLA: off-line.

A DOR E O AMOR

B.s. 53 anos, desempregado

deixa família saudosa. O enterro ocorrerá no Cemitério Santa Cândida, às 11 horas.

O despertador tocava às 05:30 da manhã todos os dias, inclusive domingos e feriados, na casa de Maria Capitu da Silva. Os trinta minutos que antecedem o primeiro chacoalhão no filho passam assustadoramente rápido. Tempo para encontrar os poucos pingos que caem do chuveiro sempre para consertar, o desembaraçar dos cabelos repletos de nós, arrumar a sacola com a roupa de trabalho, o preparo do café, e záz... hora da tortura. Sempre teve dificuldade em acordar o filho que estuda de manhã. Demorava-se na tarefa de sacudir-lhe o braço, mesmo assim não obtinha sucesso. Não podia fazer muito barulho, por isso, inventava novas táticas de tortura leve para despertá-lo do sono profundo. Música bem próxima do ouvido provocava-lhe um sorriso bonito de se ver, mas não funcionava muito. Safanões também não eram capazes de dar cabo da tarefa; água na cara molharia todo o quarto que depois ela mesma teria de secar; restava-lhe a perseverança de ir beijando o rosto dele até ele se enojar e levantar com aquele mau humor peculiar.

Ela acreditava na importância do garoto estudar, percebia que ali talvez morasse a promessa de um futuro melhor, por isso, foi atrás de conseguir uma vaga na Guarda-Mirim. Não foi fácil, pois trata-se de uma instituição famosa por inserir os jovens aprendizes no mercado de trabalho, já que mantém uma parceria com as grandes indústrias da cidade, formando meninos e meninas com base nos ensinamentos técnicos, morais e cívicos. Não admitia perder a oportunidade por preguiça.

Os dois pegavam o Colombo CIC às 06:30 e Maria Ca-

pitu sempre se despedia de Bentinho com um adeus de longe sem barulho para não atrapalhar o ronronar ainda bêbado do marido.

Fazia tempo que Bentinho não trabalhava com carteira assinada, mas sempre conseguia um bico aqui, outro ali. Era ele o chefe da família. Sempre desconfiava dos trabalhos de Capitu, que nunca chegava em casa num horário fixo por ele determinado. Em seus pensamentos embriagados, dezenas de amantes serviam de luxo a sua mulher. Festas em homenagem à Capitu eram preparadas em surdina, nas quais homens bem vestidos serviam-na da melhor bebida, presenteavam-na com as mais belas joias e com ela se deitavam em camas macias, preparadas com lençóis perfumados de lavanda em que pétalas de rosas vermelhas adornavam o ambiente da orgia. Satisfeita, a vadia sempre voltava para casa. De nada adiantava a mulher reclamar dos ônibus lotados, da bronca da patroa, do arear constante das pratas das madames para quem trabalhava, sempre era insultada por Bentinho, que possuído por ódio que transformava as feições, a recebia na porta, onde era agarrada pelos cabelos, insultada e chutada por todo o corpo, como um cão sarnento. Às vezes tinha vontade de machucar mais, mas quando olhava o corpo lançado no chão e escutava os apelos dela ou mesmo dos vizinhos que sempre batiam na porta, tratava de lançá-la no sofá, mandando reinar o silêncio.

Maria sempre levantava do sofá e seguia tortuosamente para a cozinha preparar o jantar. Nunca respondia a ninguém quando questionada sobre os gritos. Sempre preferiu o silêncio e o choro contido. Nunca foi de falar de sua vida a ninguém. Odiava fofoca e constrangia-lhe ser assunto em bocas sórdidas. Sabia que os vizinhos comentavam, mas sabia também que a realidade das mulheres daquele bairro não era muito diferente da dela.

Depois da janta, dirigia-se para o quarto, onde mantinha relações sexuais com o algoz, cujos poros exalavam cachaça. Fingia prazer ao não sentir nada. Não reclamava das fortes

dores corporais, muito menos daquela que lhe corroía a alma. Lavava-se com sabão até sentir a pele arder. Deixava a água escassa percorrer-lhe o pescoço e imaginava as mãos de um anjo acarinhando-a. Deslizava o sabão fazendo pequenos círculos, que formavam uma espuma suave pelo ventre, suas mãos habilidosas seguiam rumo ao púbis e massageavam o clitóris de modo lento e, quando ele se enrijecia, aumentava o ritmo, até que os urros de Bentinho despertavam-na daquele tempo em que Bentinho e ela eram namorados.

Ele sempre foi seu único homem, nunca na vida se deitou com outro, nem mesmo quando chegou a duvidar do seu amor por Bentinho. Sim, ela tinha essa percepção, mas não encontrava forças para se separar. Vivia num tempo em que a separação não era mal vista, mas sentia pena e medo de Bentinho. Sabia que não fazia aquilo por mal, ele não era um mau homem, apenas vivia entregue ao vício. Ela sempre pediu a Deus que isso mudasse e acreditava na providência divina.

Frequentava o culto às escondidas, porque seu marido tinha ciúmes do pastor. Bentinho sempre dizia que aquela gente não prestava e que aquele pastor só deseja o pouco dinheiro que possuíam. Ela nunca deu um centavo à igreja por medo de Bentinho. Mas o desespero que muitas vezes lhe abatia era acalmado com as palavras do pastor, com quem algumas vezes sonhava, enquanto tocava-se intimamente.

O filho já tinha 16 anos quando a tragédia aconteceu. Chegou cansado do estágio que fazia numa grande indústria e quando viu Bentinho espancando a mãe, não teve dúvidas. Pegou o machado e partiu a cabeça do velho ao meio. Maria Capitu da Silva, entre assustada e aliviada, preocupou-se com o destino do rapaz e assumiu a culpa, alegando legítima defesa.

Testemunhas a favor da mulher não faltaram e nada de grave ocorreu a partir dali, a não ser uma saudade do ronronar bêbado que sempre deixava nela uma sensação de que o amor ainda era possível.

Bentinho da Silva, 53 anos, desempregado, deixa mulher e filho (não muito) saudosos. O enterro ocorrerá na capela do cemitério do Santa Cândida.

Pedimos aos amigos de boteco que venham ajudar a carregar o caixão, porque a família já o carregou nas costas por muito tempo.

ETERNOS AMANTES

<i>M.D.B.S.</i>		
<i>E.C.P.</i>	46 anos	servidores públicos
		Deixam que o mundo se exploda

Moisés, de boné e com sua mochila nas costas, caminhava demoradamente pela Rua XV de Novembro até chegar ao Passeio Público em meio a uma multidão apressada. Os pensamentos de todos ainda estavam confusos e, como consequência, metamorfoseavam seus rostos em pontos de interrogação gigantes que se debatiam aos tropicões motivados pelo petit pavé do calçamento.

Os olhares incrédulos de uns, desesperados de outros, pareciam querer dar conta de expressar a perplexidade que se instalou na cidade desde que o respeitadíssimo repórter da emissora de TV mais famosa do país – com o público mais fiel à única fonte de informação ainda confiável desde a última eleição – anunciou que, segundo os grandes estudiosos de Astronomia do mundo inteiro, o Planeta-anão Sistema C se chocaria com a cidade de Curitiba no período máximo de um dia. De acordo com os dados, apenas essa cidade seria atingida, porém, o calor provocado pelo impacto poderia afetar as cidades vizinhas, como Morretes, Antonina e a famosa Ilha do Mel. Nesses lugares, de acordo com os estudos realizados, haveria apenas um crescimento no índice de temperatura que já é mais alto que o da capital, mas a extinção de tais paisagens já havia sido descartada pelos especialistas.

Como de praxe, Moisés passa na banca que hoje está movimentada como há tempos não se via (“O jornal impresso voltou à moda!” – dizia um dos que se acotovelavam para conseguir a edição do dia.) Moisés consegue o seu exemplar após atravessar seu braço longo e o tronco forte entre os convivas,

ainda que, ao fundo, soassem urros de resistência. Saiu dali sem se importar com o destino de todos e, sentado no banco do Passeio Público, toma seu café já quase morno que carrega numa caneca térmica com tampa. Lê com enfado as previsíveis notícias a respeito de sua cidade natal. Havia na reportagem principal um tom preocupado e penalizado por parte dos que se deram ao trabalho de refletir um pouco sobre o acontecimento do qual Moisés pôde apenas deleitar-se e permitir-se um riso enfadonho, daqueles que soltamos quando escutamos a mesma piada pela quinquagésima vez.

O noticiário da manhã já carregava o tom melancólico que o jornal da noite anterior e de todas as manhãs e noites seguintes manteriam por umas semanas até que alguém começasse a esquecer o assunto e não mais fosse interessante levar aquela notícia adiante. Mas há de se fazer justiça e dizer que as equipes de jornalismo de todo o país faziam questão de apoiar o povo curitibano, exigindo dos grandes governantes soluções para amenizar a tragédia que estava prestes a acontecer na única cidade de 1º Mundo do Brasil. É claro que, em meio à grande tragédia, havia espaço para as propagandas e notícias bem alegres que obrigavam os apresentadores a mudar artificialmente seus semblantes, intercalando fisionomias de tristeza e alegria como se a vida fosse um exercício de fonoaudiologia.

Dezenas de homenagens foram ao ar nos principais programas de televisão do Brasil e do mundo, todos com belíssimas imagens dos pontos turísticos mais conhecidos e apreciados por todos que visitam a condenada Cidade Sorriso. Pessoas famosas davam depoimentos emocionados sobre as suas experiências vividas quando de passagem por Curitiba; os filhos pródigos de tal terra que foram batalhar a vida (principalmente artística) fora do seu lar indagavam-se, retoricamente, sobre o porquê do Sistema C atacar somente essa cidade tão famosa pela peculiar autofagia que exerce sobre e pela classe artística que ali reside.

É claro que enquanto havia toda essa manifestação solidária para com a Cidade Ecológica, um movimento muito maior e mais estrondoso formava-se nas vias que davam acesso às cidades vizinhas. O caos aéreo (a que todos já estão habituados) intensificou-se, colapsando o sistema, por isso, os dois aeroportos, o internacional Afonso Pena e o pequeno do Bacacheri, ficaram inoperantes. Assim, ninguém consegue sair voando de lá (apesar de muitos sonharem com isso muito antes da tragédia anunciada). Não há mais caos, visto que o transporte aéreo é apenas descartado pelos emigrantes.

Esperava-se ao menos que o prefeito de Curitiba, os vereadores e demais personalidades do Palácio 29 de Março saíssem voando da cidade, mas misteriosamente, depois de dar uma coletiva emocionante e otimista com relação à reconstrução da metrópole, ele e toda a sua equipe não compareceram ao embarque do helicóptero fretado pelo governo federal. Não se sabe a causa do sumiço: suicídio coletivo ou fuga no jato especial da presidência da república? Nenhuma certeza é possível já que nenhum deles jamais reapareceu.

Como já é previsível e o leitor não precisa de muito esforço para visualizar (já que o cinema americano fez belíssimas encenações de catástrofes como essa), os engarrafamentos e o desespero das pessoas crescem à medida que os ponteiros não cessam de vagar num círculo infinito.

Sim... também havia a parcela da população que acreditava ser aquilo tudo um grande exagero da mídia e não acreditavam na ciência nem na existência do tal Sistema C. Eles acreditavam que a Terra era plana e que nada poderia atingi-la.

Falar com alguém pelo telefone é qualquer coisa de impossível, seja ele a marca/ operadora /modelo/ com câmera/ sem câmera/ com rádio/ colorido/ com vídeo/ agenda que for, ... ninguém se comunica via telefone – fixo ou celular, tudo estava congestionado. Internet então, nem se fala... independente do quão avançados 4G ou 10G oferecidos pela operadora, nada disso ajuda nesse caos comunicativo. Na TV somente os

programas nacionais conseguem ir ao ar, pois a televisão local não tem como fornecer imagens atuais e reais da Curitiba pré-impacto.

Moisés continua sentado e, entre uma olhadela no jornal e outra, observa com atenção o movimento das meninas do Passeio Público. Seus habituais clientes estavam tão carentes que não se importavam em andar de mãos dadas com elas pela ciclovia. Elas impunham um olhar orgulhoso por andar como namoradas... e pela primeira vez, não tinham medo da morte e sentiam-se vivas e parte da cidade.

Os bêbados-elefantes que perambulavam pela cidade agora estavam parados, sem saber o rumo do seu cemitério. A cachaça ainda os acompanhava e fazia todo sentido do mundo. O Vampiro de Curitiba continuava no Alto da XV e seu desespero chegou a tal ponto que decidiu abrir as janelas da casa e receber o repórter da emissora de TV para dar uma entrevista exclusiva e falar sobre o caos e o desaparecimento do seu cenário preferido. Pena que a emissora não conseguiria transmitir a tão esperada entrevista.

Perto dali uma reunião extraordinária dos professores da Universidade Federal discutia filosófica e literariamente o reflexo da notícia do encontro do Sistema C com a cidade. Alguns levantavam a teoria do inchaço da metrópole e a grande desigualdade social que ali imperava como a grande causa do impacto, outros preferiam ver a catástrofe como um reflexo do modo desordenado com que cresceu o número de parques e shoppings da capital paranaense. Outros ainda indagavam sobre a dependência que todos pareciam ter de encontrar uma resposta para tudo.

Na esquina da Amintas de Barros, do ladinho da Reitoria, a Casa Verde abrigava o Seu Aloísio e a Dona Helena que serviam todos os bebuns universitários que para lá se refugiavam. Todos comemoravam a desgraça e a desordem. Parece que enfim havia chegado o momento de realmente ter um motivo para beber e brindar o fracasso da cidade que sempre detes-

taram. A altos goles e brados, não tardavam em expressar sua visão dos fatos. A euforia era tanta que os velhos que moram no prédio de cima jogavam frutas, cebolas, e toda a feira que tinham feito no intuito de que pudessem morrer em paz, sem ter que aguentar a cantoria, as risadas, os argumentos daquela gente que continuava a beber mais e mais. O famoso pão com bife da Dona Helena já era coisa rara na Casa Verde. O Mercadorama do lado não queria mais vender carne, nem pão francês e Seu Alú não sabia mais qual desculpa dar aos amigos do bar que queriam invadir o supermercado para que as discussões fossem sempre alimentadas de pão com bife e cerveja.

Moisés estava com preguiça de andar até a reitoria. Sabia que lá encontraria toda a turma da Casa Verde e estava com pressa de fugir das discussões óbvias que todos faziam sobre o assunto. Mas ocorreu-lhe que talvez ela estivesse por lá... mas era óbvio que não... ela deve ter se refugiado num dos parques da cidade ou já deve ter ido pra Ilha do Mel. Ela sempre quis morar lá. Tinha ouvido falar que ela tinha se casado outra vez, mas era só mais um mistério que ele jamais teve a curiosidade de desvendar. Decidiu ir até a reitoria... seus passos largos e lentos peculiares o conduziram até a porta do bar de sempre e como já presumia estavam todos lá. A mesma conversa, as mesmas cervejas e o caos por conta da falta do pão com bife. O vendedor de livros devia saber do paradeiro dela. Segundo informações seguras, ela não estava em lugar nenhum. Nada tão óbvio. Parques, Ilha do Mel, bar, reitoria... parece que pela primeira vez ela estava em casa. Isso exigia dele a necessidade de andar até o Juvevê. Procurá-la em casa era algo tão incommum que ele titubeou. Abandonou a zoeira do bar e subiu a Itupava.

Quando chegou à Dr. Goulin, o prédio estava quase vazio. Somente a luz do segundo andar estava acesa. Ela realmente estava lá. Era a primeira vez que ele chegava sem avisar, sem um vinho, sem a necessidade de sexo. Apenas queria ficar com ela e esperar o impacto. Apertou o interfone, mas ela não aten-

deu. Pulou o muro, escalou a parede e entrou pela janela que estava aberta. Ela estava deitada no sofá vermelho. No som: Nilo Amaro e seus cantores de Ébano, "Minha sodade" A presença dele não lhe causou surpresa. Ela já o esperava. Os dois deitaram e se abraçaram no sofá. Nenhuma palavra. Nenhuma teoria sobre qualquer assunto. Apenas deixaram-se sentir presentes na vida um do outro.

FUNERAIS

JOÃO BATISTA DA SILVA

CAPELA 3 CEMITÉRIO MUNICIPAL DE CURITIBA

VELÓRIO DURANTE TODA A MADRUGADA DE 1º ABRIL

**ENTERRO SERÁ ÀS 15H, APÓS DESPEDIDA EMOCIONADA DE AMIGOS E
FAMILIARES.**

Tem gente que tem sorte: em vida ou depois da morte. Parece que mais dia menos dia cada um encontra um momento com ela. Para João Batista da Silva a sorte veio bater justamente no dia de seu próprio enterro. Antes de continuar a história deste senhor que agora é velado com todo luxo que não conheceu em vida, é preciso alertar ao leitor sobre a origem de toda a confusão.

O hospital do Coração de Curitiba vivia um dos plantões mais alucinantes daquele mês em que surgiram os primeiros casos de Coronavírus e os velórios ainda estavam permitidos na cidade. As enfermeiras quase enfiavam-se em cada chamado que provinha do som estridente do monitorador de sinais vitais de cada leito. Ainda havia respiradores suficientes para todos que chegavam com necessidade de oxigênio. Mas naquela noite todos os pacientes resolveram dar trabalho e a simultaneidade dos óbitos assustava até mesmo os médicos mais experientes.

João Batista da Silva internou-se às 21 horas, assim que fora assistido pelos pára-médicos do SIATE que foram chamados às pressas pela secretária executiva gostosa que prestava um serão extra para o amante que era senador do Estado. João era cardíaco, obeso e o excesso de trabalho somado aos serões com a secretária provocaram a obstrução completa do miocárdio. Levado pela ambulância que anunciava com o som

agudo a emergência do caso, João entrou na sala de cirurgia às 21:21, hora em que o outro João Batista da Silva fora internado por conta de uma parada cardíaca adquirida nos anos de inalação de pesticidas e fungicidas que aplicava na fazenda em que trabalhara como peão antes da vida como bóia-fria e da aposentadoria rural por invalidez conseguida na capital.

Desde que se mudara para Curitiba, João teve uma vida tranquila, a aposentadoria rendeu-lhe um modesto quarto de pensão perto do Passeio Público, onde passava as tardes a jogar dominó e baralho com os colegas, apreciando o caminhar manso das meninas do Passeio. Dia de pagamento era a alegria do aposentado, pois podia pagar pela companhia mais íntima das meninas e prosseguir no ritual de namorá-las em segredo durante as tardes de sol da quase sempre chuvosa cidade.

Naquele dia tinha acordado estranho, uma opressão ardia-lhe o peito e logo se apaziguava. O quarto cheirando a mofo, fez despertar um desejo de ganhar a rua. Garoava em Curitiba. Desceu as escadas do pequeno prédio da Rua Riachuelo, cumprimentou as amigas que aguardavam debaixo das marquises o próximo cliente, não disse a ninguém o que sentia e dirigiu-se ao Passeio Público. Quando estava chegando à rua de mão inglesa, uma forte dor no peito o contorceu e o corpo franzino espatifou-se na calçada. Os transeuntes que por ali percorriam apressados reparavam no corpo imóvel, mas certos que se tratava de mais um elefante regado à cachaça estirado nas sarjetas curitibanas, desviaram para encontrar um caminho mais cômodo. Ninguém ao menos para lhe chutar o traseiro e perceber o corpo inerte.

O tempo corria em Curitiba e por volta das 20:45 uma enfermeira que assumiria o plantão às 21 horas no Hospital do Coração percebeu o corpo de João. O SIATE logo fora acionado e, após os primeiros socorros, rumou a toda velocidade o que de fato agradou a enfermeira, que já estava atrasada. O homem chegou com réstia de vida, colocado na maca, ficou aguardando socorro no corredor do hospital lotado. "Qual é o

plano de saúde?" "Não sei, acho que não tem. Estava caído perto do teatro" "Ele vai ter que esperar, tem muita gente morrendo por aqui hoje". João esperou sua vez de morrer, foi levado para a sala de cirurgia, mas faleceu ali mesmo pacientemente antes do primeiro corte do bisturi quando o grande relógio da sala batia 21:21.

Enquanto os médicos elaboravam os laudos sobre os mais de 15 óbitos que ocorreram naquela noite, ninguém se deu conta da presença dos homônimos. Encaminharam os corpos dos dois Joões para as funerárias da vez e chamaram a família do único João que o tinha reclamado.

O João-senador fora mandado para a funerária "Bonsucesso", na qual o gerente só sabia reclamar da má sorte ao receber mais um pobre como cliente. Com certo alívio, leu a ficha que ordenava o enterro como indigente. Nesses casos, a prefeitura custeia o caixão e o transporte desses infelizes e faz girar um pouco de dinheiro na empresa. O homem era muito gordo e o caixão estreito, foi preciso trabalho para espremer aquela banha toda em alguns metros cúbicos. A madeira era ninho de cupins, o que de certa forma ajuda o trabalho do tempo. O tecido amarelado de cetim carcomido disfarçava o trajeto dos cupins e o travesseiro de flores amarelas já meio murchas fechavam a morada provisória do corpo do João. Como não houve quem reclamasse a falta do defunto, esse fora levado para a vala comum do Cemitério Municipal para receber a bênção do padre antes de ser enterrado como indigente.

O outro João, já desencarnado, assistia, entre apavorado e deslumbrado, aos preparativos de seu enterro: um grande caixão (cabia 2 ou 3 dele lá dentro) feito de madeira de lei, talhado com as iniciais de seu nome gravadas em dourado, cujo interior fora arrumado com estofamento alvíssimo e confortável sobre o qual repousava uma suave seda egípcia ornamentada com bordados dourados e verdes com os nomes da Capital e do Estado. As flores estavam por todos os lados e o terno que vestia o corpo era do mais fino corte italiano, apesar

de gigante. Os sapatos reluziam de tão novos e João pensava em quantas voltas ainda não poderiam dar no Passeio. Quando viu que maquiavam seu rosto, pensou que aquilo era frescura demais, mas a maquiadora era linda e ao debruçar-se sobre o corpo oferecia ao espírito de João a certeza de que Deus existe. Entre as pinceladas de cores suaves, a mulher passava as mãos nos próprios lábios e espalhava com cuidado as sombras que em excesso poderiam tirar a jovialidade inventada do defunto. Sentiu-se atraída pelos lábios dele, a ponto de, antes de passar uma fina camada de brilho, despedir-se com um beijo. Feita a maquiagem, o caixão foi colocado no carro fúnebre e um grande cortejo de automóveis importados e oficiais o seguiu até o Cemitério Municipal. Na Capela 01, grandes coroas de flores com mensagens amorosas de amigos e herdeiros enfeitavam a entrada, na qual estavam postas as crianças do coral beneficente da *International Fast Food*, empresa que apoiava seus projetos e suas campanhas. Quando chegou a comitiva, as vozes cálidas davam um tom ainda mais melancólico e a tristeza parecia brotar naturalmente nos convidados para o velório. Todos elegantemente vestidos, com óculos escuros para disfarçar a falta de choro, acompanharam com ar de comisseração a apresentação das crianças. Em seguida, o caixão foi levado com solenidade até o tripé que o sustentou enquanto muitas pessoas queriam prestar suas homenagens com discursos longos, vangloriando-se do prazer e do privilégio de terem vivido ao lado de João Batista da Silva. O outro, desencarnado, só queria ver as meninas do Passeio e seus companheiros de dominó, mas não os reconheceu e, em meio àquela gente, percebeu que algo estava realmente estranho. Mas quem daria ouvidos a um morto?

Em todas as falas pulsava a imagem do homem de origem humilde, mas que com garra e determinação, alcançou um grande cargo público e não fosse a morte prematura poderia ter assumido a presidência da República. Entre as lágrimas da viúva, eis que surge a voz de um jovem senador, amigo da família e

pretendente a garantir o patrocínio da *International Fast Food* para a próxima campanha. Comoveu a todos com o texto que copiara da fala da amante secretária executiva gostosa. Claro que não lhe deu os créditos, e aproveitara-se do inegável tom de saudades que convencia. A comoção foi grande, mas não tão exagerada quanto a do momento da abertura do caixão.

Ninguém além da alma do próprio defunto reconheceu o homem que ali estava. A viúva encenou um desmaio, as bocas abertas berravam por uma explicação, os vestidos pretos balançavam ao vento em busca de alguém que se responsabilizasse pelo trauma que isso causaria a todos. Os homens discutiam com o agente funerário que tratou logo de ver o que poderia ter ocorrido com o corpo do “verdadeiro” João Batista da Silva. O agente funerário da “Bonsucesso” passava pelo corredor principal das capelas e, ao ver o rebuliço, foi se informar a respeito. Ao saber do engano, confirmou que havia enterrado há pouco um indigente com nome de João Batista da Silva e quando descreveu seu cliente, todos entraram em choque, inclusive ele, que poderia ter faturado muito mais, já que era a sua vez de enterrar um homem tão ilustre.

Diante do bizarro acontecimento, a família do senador mandou que reabrissem a cova e se fizesse a troca. Misteriosamente, o corpo não estava mais lá e há quem diga até hoje que o senador não morreu, apenas mandou outro em seu lugar. João Batista da Silva, o agricultor aposentado, foi velado no mesmo caixão em que estava e com o terno e sapatos elegantes que em vida nunca experimentara. A família do senador achou que não seria de bom tom trocar a parafernália, pois a imprensa a importunaria. Com isso, João ganhou um enterro de gente e ficou tão famoso que estava agora rodeado das mocinhas do Passeio e de seus amigos, além é claro dos diversos penetras e curiosos que vinham filar os docinhos e canapés do velório.

AMOR DE MÃE

L.M. 63 anos

Do lar

Deixa família saudosa

Para minha Doca.

Ainda era noite quando me acordei. Não é que eu tenha essas frescuras de não conseguir dormir, é que aqui no sítio a gente precisa acordar de madrugada para dar conta da primeira ordenha. Desde que o pai começou a se dedicar somente à venda do leite, o trabalho que antes eu dividia com meus irmãos aumentou demais. Não sou sozinho na lida, temos mais um ajudante que o pai contratou desde que meu irmão Juandir casou. Eu sou o caçula de uma família de sete irmãos. Não tenho vontade de ir para cidade e ajudar meus irmãos na empresa. Gosto da rotina do sítio. Já terminei os estudos e ajudo o pai a tocar o rebanho e a calcular as despesas e investir o que ganhamos com o nosso trabalho. Tenho uma namorada que se parece muito com a minha mãe, apesar de saber dirigir e não ter lá muito apreço pelos afazeres da casa.

O sítio melhorou muito desde o tempo em que os meus irmãos partiram para a cidade. Eles sempre mandam dinheiro, principalmente meu irmão mais velho que é o dono da empresa na qual os outros trabalham. No ano passado, ele reformou a casa inteira, mas confesso que tenho saudades da velha casa de madeira onde eu cresci.

Lembro bem dos dias de inverno em que eu tinha que acordar cedinho para ordenhar e percorria correndinho o espaço que separava a casa do banheiro que ficava do lado de fora. Ainda podia dar uma espiada no céu repleto de estrelas e me guiar na escuridão conhecida até o caminho do banho. Sempre gostei da sensação gozada que dava no corpo de sair quentinho da cama e tomar a primeira brisa da manhã. A roupa

de trabalho sempre estava pendurada na porta do banheiro e a botina ainda com barro do dia anterior (motivo de ralha da mãe) guiava meus passos ainda em jejum até o curral.

Naquela época, eu ainda sabia o nome de cada vaca. O primeiro copo de leite jorrado ainda quente na caneca esmaltada eu tomava purinho e a espuma criava o sonhado bigode que hoje já cresce em meu rosto. A mãe sempre mandava uma garrafa de café, dizendo que aquilo era para a gente não dormir no serviço. Eu sempre acreditei que era o leite tirado na hora que dava força para aguentar o trabalho pesado.

Houve um tempo em que meu pai investia na plantação de milho e soja. Até café eu já vi crescer por aqui, mas ele sempre reclamou dos prejuízos, por isso, decidiu que o leite era a única coisa na qual realmente valia a pena investir. Eu aprovei a ideia na época, pois sempre gostei de estar em meio à criação. Isso não faz esquecer meu desejo de pilotar o trator e pentear a terra, acompanhando o germinar das sementes e o nascer de um campo verdinho. Mesmo com a decisão de meu pai, ainda piloto o trator, pois plantamos aveia para enriquecer a ração dos animais. Hoje já temos mais de cem cabeças para alimentar.

Meus irmãos agora só vêm aqui de vez em quando e os dois que moram em São Paulo, na filial da empresa, já faz tempo que não se achegam. Mas as notícias da vida na cidade sempre chegam até aqui e a cada visita da irmã ou das cunhadas fico sabendo que os meus sobrinhos crescem com outros destinos. Resta a todos nós em comum apenas a espera pelas festas de fim de ano e pelo momento de relembrar os tempos de moleque.

Minha mãe sempre gosta de, entre um afazer e outro, ficar olhando as fotos da família toda reunida. Ainda sonha com um tempo que já vai longe e se conforma com os presentes caros que meus irmãos e cunhadas sempre mandam. Meu pai é um homem tranquilo e honesto. De poucas palavras, vive a vida no miudinho. Sem precisar levantar o tom de voz, é sempre compreendido e respeitado por todos. De uns tempos para cá,

o peso da idade o impede de cuidar do sítio como gostaria, na verdade, por mais que as coisas caminhem direito, ele sempre tem algo para corrigir.

Hoje o céu amanheceu mais vermelho que o normal. Sinal de geada nos próximos dias. Apesar da beleza que se anuncia, o manto branco traz consigo a certeza de trabalho dobrado para colher o que já vingou na horta e cobrir o restante. No caminho para ordenha, nada saía da boca de meu pai. Fazia tempo que eu não ouvia tamanho silêncio. Nenhuma cerca pra arrumar, nenhum roçado mal feito, não reclamava de nada. Estranhando aquela mudez, disse a ele que não se preocupasse com a geada, pois daríamos conta de cobrir a horta. Seu sorriso comedido indicava que o problema era outro.

No primeiro gole de leite, a espuma ainda acariciando meus lábios, senti uma mão sobre o meu ombro e ouvi a voz do pai:

— O café tá bão?

— Não provei ainda, pai – retruquei – mas o café da mãe é sempre bom!

— Fui eu que fiz.

— O que aconteceu com a mãe?

— Ela não tá boa – respondeu cabisbaixo – vou com ela pra Santa Tereza. Cuida bem do serviço até eu voltar.

Fiz o que ele mandou. Dei conta de tudo e dispensei o ajudante no fim do dia. Seria a primeira vez que teria que preparar a janta e achei melhor não provar meus “dotes culinários” sozinho. Pensei em chamar minha namorada, mas desisti, porque ela ia acabar tomando conta do fogão aos berros.

Como aqui em casa não se come restos do dia anterior, sabia que não era de se estranhar que nada encontraria pronto na geladeira. Confesso que imaginei o cardápio no caminho do curral até a casa, mas desisti do meu intento, optando por me empanturrar de pão com queijo. Fiquei lembrando o cheiro do torresmo feito na hora e do arroz com feijão que todo dia me esperavam quentinhos nesta hora.

Lembrei de um tempo em que ia para escola e a mãe colocava na minha sacola batata doce assada na brasa. O cheiro era tão bom que nunca a batata chegava inteira à hora do recreio. Teve uma vez que eu e mais dois irmãos decidimos esconder no mato as batatas para comermos na volta da aula, pois o caminho era longo e as caminhadas deixam uma fome de arregalar os olhos. Caio no riso ao lembrar qual foi a nossa surpresa ao nos deparar com as batatas todas roídas por ratos do mato, ou seriam lebres? Não sei, mas o estrago era grande e nossa fome maior ainda. Bendito seja o Seu Faustino, vizinho do sítio, que nos acolheu com a sua famosa frase: “Se achegue piazada! Arroz e feijão nunca falta aqui em casa!”

Está aí uma coisa que nunca se pode reclamar na casa de meu pai: fartura! Ele chega a ser exagerado nas compras. Tudo que não se pode produzir aqui, ele compra de fardo e aquilo que esta terra é capaz de gerar, nós plantamos. O laranjal sempre garantiu o suco que acompanha as refeições; das vacas sempre veio o leite, o queijo e a manteiga (já faz tempo que a mãe não faz queijo, nem manteiga...); a carne é sempre abundante! Em dia de festa então... nem se fala! Matamos porco e até boi. Da cerimônia do sacrifício e do corte dos animais só comecei a participar depois dos doze. Hoje sei exatamente o vão em que a faca, quando enfiada, causa menos choro daquele futuro leitão à pururuca.

Parece que escuto as louças brindando em meio aos risos e às conversas altas em uma língua que só mesmo a nossa família é capaz de compreender. É sempre a mãe que ordena as coisas e somente a sua voz anunciando a comilança é capaz de, por alguns instantes, chamar a atenção daquela gente toda.

Hoje a casa está vazia, nada que lembre isso tudo, nem mesmo o sorriso gorducho da mãe perguntando se não salgou demais o arroz – mais um truque feminino para ganhar elogios. Já estou farto de pão com queijo. O almoço já não tinha sido lá essas coisas. Acho que meu pai bem que tentou encarar o fogão. Eles já deveriam ter voltado. Ufa... os faróis no meio da

estrada escura. Meu tolo sorriso logo se desfaz ao reconhecer a caminhonete do meu irmão mais velho. Senti um aperto no peito e tive a certeza de que a geada deste ano nos roubava bem mais que os campos de aveia.

AMOR AO PRÓXIMO

Teresinha A., 91 anos

Enfermeira

Homenagem da Casa de Repouso

Naquele tempo não havia muita escolha para uma mulher. Ouso dizer que ainda hoje as mulheres têm poucas opções de escolha quando o assunto é cuidar. Ou ela cuida ou ela cuida. Caso se negue a desempenhar tarefas de cuidado certamente será menosprezada socialmente. A impressão que se tem é que assim que se define o sexo, a informação genética já vem marcada pela obrigação do cuidado. Sem dúvida as razões históricas-antropológicas-sociais- religiosas restringiram ainda mais essas atividades ao universo feminino e durante muito tempo essas tarefas foram menosprezadas inclusive por quem delas se beneficiava. Portanto, não era de se estranhar que, no início do século XX, a uma mulher que não quisesse se casar, nem ter filhos restaria a função de continuar cuidando dos outros. Se não era no ambiente interno da casa, ela deveria fazê-lo nos conventos ou nos hospitais.

Teresinha cresceu num convento e a convivência com as freiras e as outras órfãs logo revelou sua inadequação aos papéis designados às mulheres de seu tempo. Nunca desejou ser freira. Detestava aquelas infundáveis orações e questionava-se o tempo todo do porquê deveria se ajoelhar diante de um Deus se ela julgava não ter feito nada para merecer tal humilhação. Assistiu a inúmeros abusos de religiosos com as freiras e com as meninas do convento e sabia da vida não menos difícil que levavam os meninos órfãos nos seminários. Achava uma hipocrisia aqueles discursos e aquele gesto de ajoelhar-se depois do pecado.

Teresinha não desejava nenhum daqueles destinos para si, e quando pôde escapar, agarrou-se à oportunidade de servir à pátria na Cruz Vermelha e cuidar dos feridos de guerra.

Era uma atividade considerada nobre na época e lhe dava a oportunidade de sair do país e tentar conhecer o seu lugar no mundo. O que viveu naqueles anos, na verdade, foram cenas de um filme terrível, sem heróis, nem bandidos. Dessa experiência a única certeza que levou consigo é de que a vida humana é frágil.

Quando voltou da Europa, Teresinha foi morar sozinha num apartamento da COHAB, num bairro distante do centro de Curitiba. Era um amargor viver aqueles dias. Aquelas crianças gritando, brigando, correndo... ela precisava descansar de dia, pois seu plantão era o da madrugada. Nunca poderia dormir direito vivendo em meio àquela gente. De nada adiantavam as reclamações aos diversos síndicos que passaram por lá, pois quem é capaz de segurar uma criança em casa em silêncio? As meninas que moravam no apartamento embaixo do seu falavam gritado, brigavam, derrubavam louças, subiam no guarda-roupa e a vida de Teresinha resumia-se a tentar dormir sem muito sucesso. A mãe delas trabalhava o dia inteiro e quando chegava em casa já era hora de Tere pegar o ônibus para o hospital.

Por ser muito introspectiva, não gostava que batessem à sua porta, o que obviamente acontecia com muita frequência. É impressionante como os moradores desses conjuntos habitacionais trocam favores e mantêm as relações sociais sempre ativas. No início, ela tentava ser educada e se livrava das pessoas à sua porta com certa rapidez. Depois, todos começaram a comentar o comportamento arredio e muitas histórias foram se criando acerca da sua biografia. Havia um boato de que ela tinha matado o marido e guardado seu membro sexual de recordação... mas isso era mera reprodução da novela da época. Outros diziam ser ela uma bruxa e que o nome de todos ali já devia estar amarrado na boca do sapo. Outra hipótese que se levantava era a de que ela era uma foragida da polícia. Mas a verdade mesmo ninguém sabia porque a única pessoa que poderia revelá-la não tinha a menor necessidade de falar de si.

Quando olhei os olhos de Teresinha a primeira vez sabia dessa névoa que ela criou em torno de si. No começo até se divertia com as histórias que inventavam a seu respeito, mas aquela falta de sono, aquela rotina na UTI e a morte rondando os seus dias faziam-na embrutecer-se cada vez mais. Aos poucos, os xingamentos e os gritos começaram a partir dela. Ninguém mais queria bater à sua porta, a menos que fosse para sair correndo.

Depois da aposentadoria, Teresinha ficou ainda mais sozinha e ensimesmada. A esta altura, muitos vizinhos tinham ido embora, os novos chegavam e já eram alertados para não incomodar a senhora do 203. Ninguém lá sabe por que ela foi para o asilo São Vicente. Mas o fato é que ela estava com a saúde muito debilitada e já não conseguia desempenhar atividades básicas dentro de casa. Vendeu o apartamento e ela mesma se internou.

Desde o princípio, deixou claro que não queria participar de nenhuma das atividades propostas e que aceitaria apenas o mínimo de apoio necessário. O corpo definhava muito mais devagar do que ela gostaria. Sabia que com o passar do tempo tudo ficaria mais difícil. Não poderia imaginar que a casa de repouso entraria para a história como o primeiro foco de Coronavírus no Paraná.

Naquela semana, todos começaram a apresentar os sintomas. Mesmo conhecendo intimamente os procedimentos de cuidado com pessoas enfermas, Teresinha não cuidou de nenhum colega de asilo. Havia se aposentado e se contaminado também, apesar do autoisolamento. Não queria cuidar de mais ninguém, nem de si. Esperava a morte e quando ela veio suspirou aliviada.



Miolo impresso em papel avena 80g, na cor preta e
capa impressa em papel cartão 250g, 4 cores.
Fonte: Família Figtree.

SINOPSE

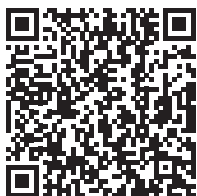
Os textos aqui reunidos são módulos para composição teatral, monólogos curtos, onde não há ordem imposta. Pelo contrário, são como pedaços de um corpo quebrado. Houve um dia o corpo inteiro, em perfeito estado. E então, não sabemos ainda como nem porque, houve a explosão, a ruptura. Eu entro em cena, eu falo. Colho os pedaços do corpo que é o meu, naquele momento. Você pode entrar em cena, falar, dançar, gritar e como em um jogo, criar seu próprio corpo.

AUTORA

Doutora em Estudos Literários pela UFPR, com foco na intersecção entre literatura e cinema, especialmente na formação e desformação do herói, [Nome não mencionado] é uma pesquisadora e educadora de vasta experiência. Com formação em Letras Português e Estudos Literários, também pela UFPR, ela atua como professora concursada no Instituto Federal do Paraná, onde desenvolve projetos inovadores como "LITERATURA NA WEB", integrando podcasts e booktubes no Ensino Médio. Sua carreira inclui coordenação de projetos culturais, docência na PUCPR, desenvolvimento de material didático para a Editora Positivo e assessoria pedagógica nacional. Recentemente, foi premiada com o segundo lugar no Prêmio Outras Palavras, categoria contos, por seu livro "Histórias Esquecidas", consolidando sua presença na cena literária paranaense. Atualmente, também cria e-books para a formação de professores na Editora Positivo, através de ensino à distância.

[CONTOS E CRÔNICAS]

Avalie nosso projeto.



ISBN 978-65-5422-101-6



9 786554 221016 >



MINISTÉRIO DA
CULTURA

